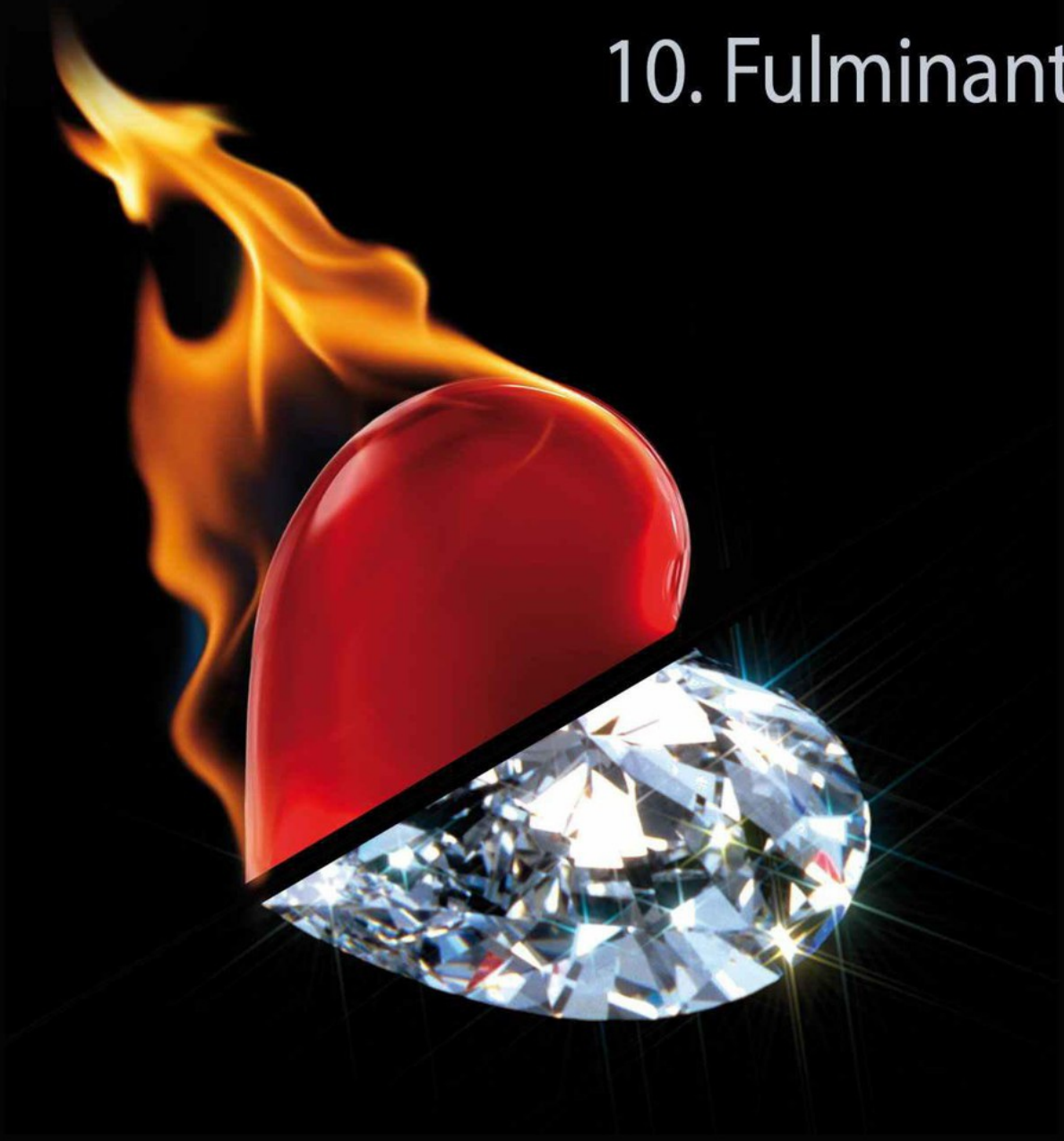
Emma Green

Cem Facetas do Sr. Diamonds

10. Fulminante

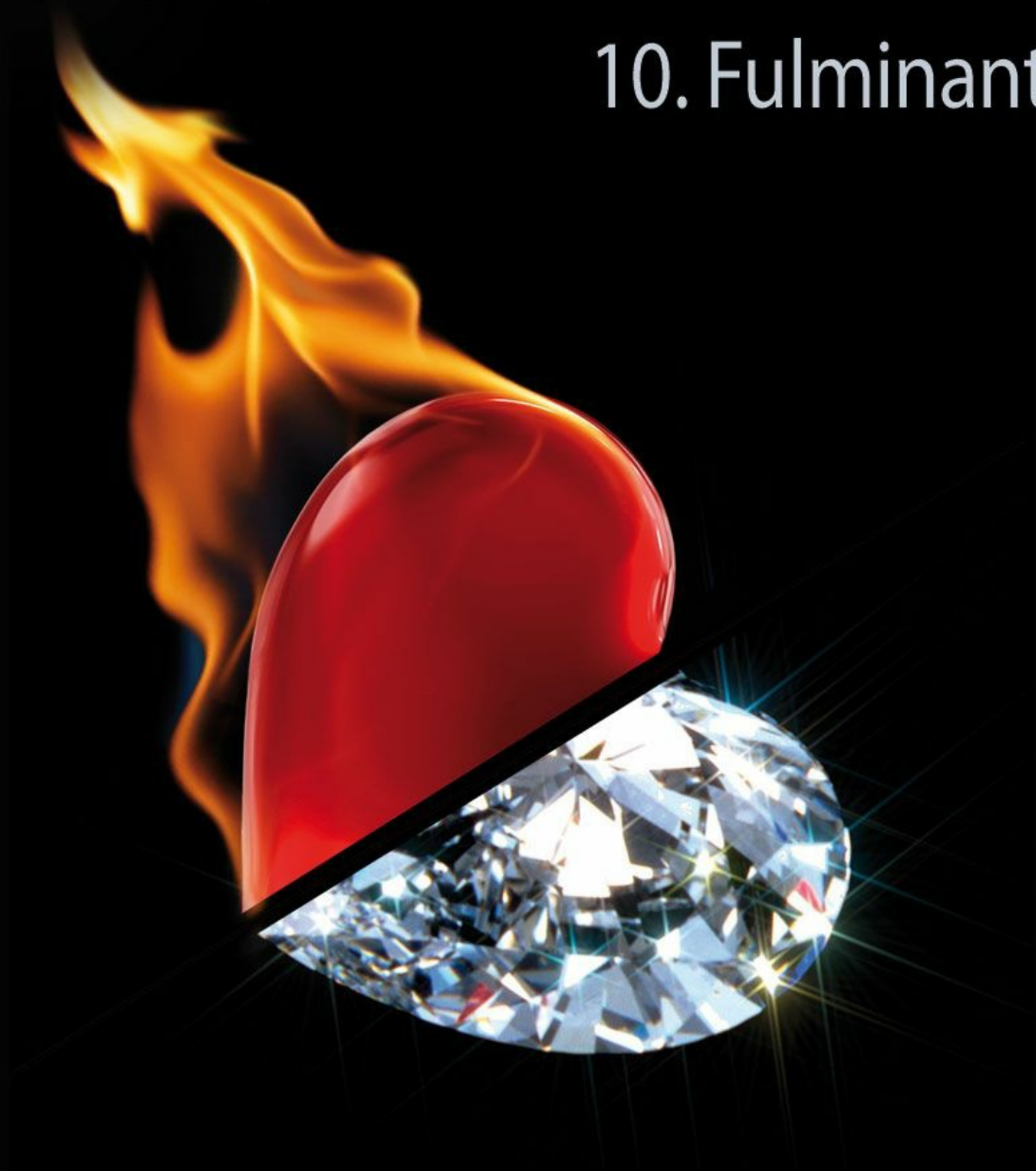


Addictive Publishing

Emma Green

Cem Facetas do Sr. Diamonds

10. Fulminante



Addictive Publishing

Emma Green

CEM FACETAS DO SR. DIAMONDS

Volume 10: Fulminante

1. Os ausentes nunca estão com a razão

Ele está escapando de você...

Eis o refrão que minha vozinha interior teima em fazer circular em minha cabeça confusa. Este final de agosto está muito quente, meu amante, desesperadamente ausente e eu estou atolada em meu novo trabalho de assistente na empresa de Ferdinand. Tudo me arrasa, me oprime, me asfixia, tenho a impressão de sufocar no calor

parisiense, sob o peso das responsabilidades, e a ameaça de perder Gabriel pesa como uma placa de chumbo em meus pobres pulmões. O ar está pesado, mas ele é leve como o vento. Há duas semanas, ele gira, encarapitado em uma nuvem, por saber Eleanor com vida, treze anos depois de seu por assim dizer suicídio, e determinado a remover montanhas para encontrá-la. De acordo com as revelações de Prudence, Eleanor preferiu desaparecer depois do nascimento de Virgílio, orquestrando sua própria morte. Ela não podia suportar a vida de esposa e de mãe que a esperava, sempre torturada por seus demônios interiores, mas se recusava a

que Gabriel passasse o resto da vida a procurá-la. Ela sabia que ele acabaria por encontrá-la. Mascarar sua fuga em suicídio foi a melhor solução que pôde imaginar. Somente Prudence estava a par do segredo durante todos esses anos.

Os Diamonds são campeões em todas as categorias dos segredos mais cabeludos a guardar...

Desde que meu amante pôde enfim ver claramente a verdade, eu mal existo. Ele está como que obnubilado, obcecado. Eu? Ele me vê quando tem tempo, me liga quando quer e me pede para compreendê-lo. Como eu poderia fazer de outra forma? Vê-lo se afastar de

mim para se aproximar dela é um suplício. Mas privá-lo disso seria cruel. Não seria digno do amor que lhe tenho. Minha mãe me diz que amar não é segurar, aprisionar, é deixar o outro ir embora e escolher voltar.

E se Gabriel nunca voltasse para mim? Se ele a encontrasse e a escolhesse, para sempre?

Diante desta ideia, sufoco ainda mais um pouco. Pego o celular e redijo uma mensagem de texto como se fosse uma questão de vida ou morte. Lembrar a ele que o amo. Que o espero. Que deixo a ele sua liberdade, mas que não o abandono. Que quero sua felicidade,

mas não longe de mim.

[Ulisses partiu por vinte anos. Diga-me que não vou ter de lhe esperar por tanto tempo…]

[Paciente e fiel Penélope, o tempo que passo longe de você também é doloroso para mim.]

[Então, não sofra mais, volte depressa.]

[Tenho de continuar a minha Guerra de Tróia. Encontrar a mãe de meu filho. Saber por que ela nos abandonou. Por que se fez passar por morta. Não poderei viver sem saber a verdade.]

[Encontre-a e volte para mim.]

[Eu também não poderia viver sem você. Amo você, minha Amande.]

As palavras de Gabriel me tranquilizam por alguns minutos, mas não o bastante para que eu não sinta a necessidade urgente de ligar para Marion exatamente antes de chegar ao escritório.

– Pff, acabo de aplicar em Gabriel o golpe do poema mitológico, estou envergonhada de ser tão tola.

– Do que está falando? Ele deve ter adorado a referência intelectual. Então, ele continua procurando sua Eleanor?

– Obrigada pela « sua » Eleanor, era exatamente disso que eu estava precisando.

– Sinto muito. Mas esta história é louca! Durante quinze anos ela esteve

morta e puf, renasce das cinzas? Que mito é esse?

– Fênix. E faz treze anos. Mas aparentemente não é o bastante para que ele a tenha esquecido. Isso me deixa doente, se você soubesse...

– Espere, como ele poderia encontrá-la? Ela deve ter mudado de nome, de vida. Se isto aconteceu, ela tem um novo companheiro, três ou quatro filhos.

– Gabriel é capaz de tudo, não vai parar de procurar enquanto não conseguir o que quer. Ele me diz que faz isso por Virgílio…

– Pobre garoto, não espanta que esteja doido.

– Enquanto isso, sou eu que fico louca. O que se supõe que eu faça?

– Suportar a sua dor com paciência, beber uns tragos comigo, trabalhar com o belo, rico, inteligente, perfeito Ferdinand… Um desafio insignificante!

– Também é arrogante, lunático, cheio de si, odioso com alguns…

– Sim, mas não com você! Ah, ah, você vai superar, eu o sinto!

– Jamais! Tenho tantas saudades de Gabriel…

– Uma razão a mais! Responde Marion, superexcitada e a quem nunca faltam argumentos. E não recomece a choramingar, só estão lhe acontecendo coisas incríveis. Aproveite um pouco!

– Incríveis?! Meu homem foge de mim para ir buscar sua noiva

desaparecida do outro lado do mundo, seu filho me detesta e sua mãe continua a me perseguir; minha irmã está esperando um filho indesejado, enquanto nem mesmo se divorciou e seu filho mais velho mal acaba de aprender a andar; Tristan quase não fala mais comigo pois que está sempre metido com sua Íris, horripilante, diga-se de passagem; meu chefe me toma por sua nova besta de carga e observa com mais frequência meus seios que meus dossiês; meus colegas me olham atravessado porque ele é simpático comigo e porque pensam que fiz Hortense ser mandada embora; continuo?

– Pare, você vai me fazer chorar! Quanto a Tristan, lembro que foi você

que não o quis, ele não ia ser monge por sua causa. E Íris é um pouco especial, mas estou certa de que se ganha conhecendo-a. Muito bem, aliás, meu irmão me propôs que morássemos juntos para economizar um aluguel, corre o risco de ela estar com frequência nas redondezas, vai ser preciso se acostumar.

– Genial! Tem outras boas notícias antes de eu ir trabalhar?

– Coragem, Amandine! Você tem um companheiro, um trabalho de que gosta, um grande futuro, uma super melhor amiga… Quanto a mim, sou solteira, meu pai me cortou minha mesada, ainda tenho um mês a trabalhar na H&M antes

de voltar para a faculdade e nem mesmo sei o que fazer da vida. Só me resta casar com Ferdinand de Beauregard, só vejo essa solução. Vai me ajudar, não?

– Vou começar tentando ser pontual! Vou correr, beijos, Marionnette. Você é a melhor das minhas melhores amigas!

Insinuo-me rapidamente nos corredores do edifício vistoso e ganho o *open space* esgueirando-me pelas paredes. Digo um discreto *« Bom dia »* a meus colegas, alguns murmuram uma resposta inaudível, mas a maior parte nem mesmo levanta os olhos da tela.

Bom, ser transparente ainda é melhor que fazer o papel de bode

expiatório...

Como quase todas as manhãs, Marcus faz uma entrada triunfante nos escritórios. Seus andar saracoteador, quase dançante, e sua voz aguda fazem despontar alguns sorrisos a nossa volta.

– Salve, companhia! Oh la la, trata-se de uma agência de manequins ou do museu Grévin? Vamos, vamos, acordem, amigos! Está um dia lindo, faz calor, vamos mexer o corpo e parar de fazer cara feia!

Quando eu ia me sentar, ele põe em minha mesa de trabalho uma taça de café Starbucks, dando-me um tapinha nas

nádegas:

– Pensei até em suas ancas, minha querida: sem açúcar, sem leite!

– Realmente muito gentil, Marcus, obrigada!

– Fiz bem em colocar minha camisa laranja essa manhã, estão todos tão deprimentes! O que acha da cor?

– É… chamativa.

– Querida, se não usar cores fluorescentes em 2013, nunca o fará!

– Hum… Acho que não teria colocado um paletó violeta junto com ela.

– É malva. E o *color block,* conhece? É preciso sair, é preciso ler revistas, querida, há trabalho a fazer!

– Sabe que todos eles vão acabar achando que eu me chamo realmente Querida?

– E sabe quão pouco me importa o que eles pensam? Bom, precisa de uma ajudinha para o jantar dos jovens estilistas?

– Não, vai ficar tudo bem, ainda estou esperando a resposta do designer japonês, tenho de contatá-lo novamente, Ferdinand parece insistir nisso!

– Itô? Para, ele tem um talento incrível! Tanta audácia na sua idade! E este rapaz é magnífico! Estou com ciúmes, você tem sorte demais de fazer esse trabalho!

Marcus e seus superlativos...

– Aliás, Ferdinand me deu três trajes feitos por estilistas para o jantar. Preciso que me ajude a escolher. E a… como é que você diz?

– Acessorizar!

– Querida, duas palavras-mestras: classe e sobriedade.

– Como sua roupa, por exemplo?

Marcus me estira a língua, deixando-me admirar seu piercing de aço e se põe ao trabalho. Eu o imito bebericando meu café, começando por descobrir os primeiros cinquenta e-mails do dia. Não são nem dez horas. Entre os comunicados de imprensa inúteis, os pedidos de encontros que Ferdinand jamais concederá e as confirmações de

reservas para sua próxima viagem, um assunto me salta aos olhos.

De: Gabriel Diamonds
Para: Amandine Baumann
Assunto: AMANDE DIAMONDS

Você é minha mulher, não se esqueça disso.
G.

O e-mail chegou há uns quinze minutos. Apresso-me em responder para não perder a oportunidade de conversar com meu amante tão volátil nesses últimos tempos.

De: Amandine Baumann
Para: Gabriel Diamonds
Assunto: RE: AMANDE DIAMONDS

Depois de ter ameaçado meu patrão por e-mail nas minhas costas, me teria você drogado e casado comigo à força enquanto eu dormia, para que eu não me recorde de meu próprio casamento?
A. BAUMANN

De: Gabriel Diamonds
Para: Amandine Baumann

Assunto: RE: RE: AMANDE DIAMONDS

Não preciso de nenhum contrato nem de nenhuma cerimônia para saber que você me pertence. E que eu pertenço a você. Mesmo de longe.
Como prova de minha boa fé, quero tomar seu sobrenome… pelo tempo de um e-mail.
Gabriel BAUMANN

De: Amandine Baumann
Para: Gabriel Diamonds
Assunto: RE: RE: RE: AMANDE DIAMONDS

Não sabia que era tão moderno e tão feminista, Gabriel Diamonds.
Mas estou mais para démodé. Quero o contrato, a cerimônia e até mesmo o maldito nome. Não quero viver no pecado a vida toda…
Amandine BAUMANN-DIAMONDS

De: Gabriel Diamonds
Para: Amandine Baumann
Assunto: RE: RE: RE: RE: AMANDE DIAMONDS

Deus, como eu gostaria de fazê-la pecar. Aqui. Agora.

G.

De: Amandine Baumann
Para: Gabriel Diamonds
Assunto: RE: RE: RE: RE: RE: AMANDE DIAMONDS

Venha, estou esperando.
Faz muito tempo que você não me deita sobre um birô ou me encurrala em um elevador. O da agência é minúsculo, mas suas quatro paredes estão recobertas por espelhos. Acho que lhe agradaria.
A.

De: Gabriel Diamonds
Para: Amandine Baumann
Assunto: AMANDE PECADORA

Faz muito tempo que não posso observá-la sob todos os aspectos. E sob meu domínio.
Está de roupa? Seus cabelos estão soltos?
Seu Pecador

De: Amandine Baumann
Para: Gabriel Diamonds
Assunto: RE: AMANDE PECADORA

Eu poderia facilmente soltar os cabelos, mas minha saia cinza certamente é estreita demais para que você possa levantá-la.
Seu Pecado

De: Gabriel Diamonds
Para: Amandine Baumann
Assunto: RE: RE: AMANDE PECADORA

Meu pecado mignon, não há nada que eu goste mais do que vê-la escrever a palavra « estreita »…
Você me deixa louco.

De: Amandine Baumann
Para: Gabriel Diamonds
Assunto: RE: RE: RE: AMANDE PECADORA

Seu desejo me faz falta terrivelmente. Minha saia se impacienta, minha estreiteza arde.
Preciso ir, estão me esperando.
Seu Pecadilho

De: Gabriel Diamonds
Para: Amandine Baumann
Assunto: RE: RE: RE: RE: AMANDE PECADORA

Sim? De Beauregard?
Nunca pense em apertar o botão « Pare » deste elevador sem que eu esteja dentro dele. É uma ordem.
Prepare sua pele de pêssego. Voltarei logo.
Seu Gabriel

Enquanto eu trocava esses e-mails febris com meu amante, Ferdinand me chamou ao telefone e me solicitou em seu escritório. Imediatamente. Tento retomar a calma para enfrentar qualquer pergunta sobre o jantar dos estilistas ou os próximos acontecimentos. Estou fervendo por dentro e só peço para que não se leia em meu rosto esse desejo

ardente.

– Bom dia, Amandine, entre. Belíssima saia cinza. Como vai a senhorita esta manhã?

– Muito bem, obrigada.

– Estou vendo, a senhorita está com uma aparência radiante. Embora se possa pensar que tem as bochechas em fogo … Não fui eu quem a pus neste estado, não é?

– Não, não… É… O calor. Esse mês de agosto está infernal!

– Ah, bom. No entanto, o ar-condicionado está no máximo. A senhorita deveria ir se refrescar um pouco.

– Isso é tudo?

– Sim. Apenas um pequeno lembrete: a caixa de e-mails é de uso estritamente profissional.

– Como?!

– E para sua informação, o elevador está equipado com uma câmera.

– Ferdinand, eu…

– Você não há de encontrar nada para justificar isso, acho que é melhor que não tente. E isso me fez fazer uma pausa recreativa. Distraído, realmente, muito interessante... Vá, isso ficará entre a senhorita e eu.

Desta vez, devo ter ficado vermelho escarlate. Eu me precipito até o banheiro e dou com Marcus, lavando as mãos.

– Devagar, querida, aonde vai assim?

– Esconder-me pelo resto da vida!

– A rainha do drama, adoro! Conte!

– Acabo de ser pega com a mão na massa!

– Colocou a mão na bunda de quem?

– Não, em flagrante delito de troca de e-mails obscenos … Ferdinand leu tudo.

– Erro de principiante!

– Eu sei! Eu me deixei levar, estou tão envergonhada...

– Havia palavras fortes? Sorri Marcus, mais excitado com a fofoca que francamente solidário.

– Não! Apenas palavras… não sei… libidinosas!

– Então aí, minha bela, Ferdinand não

vai mais deixá-la em paz. Ele deve ter adorado.

– Mas se você tivesse visto seu olhar lúbrico, seu ar de orgulho, ele estava radiante! Ah, eu o detesto! Você sabia que ele lia os e-mails de seus empregados?

– Não há absolutamente nada do que acontece aqui que ele não saiba, querida. Ele mandou instalar câmeras por toda parte…

– Eu sei, obrigada. Mas isso é assédio!

– Que bonitinha… E vai fazer o que, prestar queixa? Arrastar Beauregard para os tribunais? Com o que ele tem sobre você? Ah, ah!

O riso tonitruante de Marcus ressoa entre as paredes azulejadas dos banheiros femininos. Ele me aperta em seus braços para me reconfortar, ao mesmo tempo em que tenta conter seu irreprimível riso nervoso.

– Aliás, o que é que você está fazendo aqui? Faço observar a meu colega, alisando os vincos deixados por minha cabeça em seu paletó malva.

– Assumo meu lado feminino. E é aqui que se ouvem as melhores fofocas. Aí está a prova!

Recomeça a gargalhar, cada vez mais e isso é contagiante. Rio apesar de mim, dando-me conta de que a história

poderia ter tido um final pior. Ferdinand não me demitiu imediatamente, ele nem mesmo me repreendeu ou humilhou, como tão bem sabe fazê-lo. Apenas se divertiu um pouco, não o culpo. Ou ele vai me chantagear, ou me ama de verdade. Volto ao trabalho para tirar de minha cabeça essas duas infelizes hipóteses e tento bem ou mal não contatar Gabriel para lhe contar os acontecimentos do dia.

Sinto saudades, sinto saudades, sinto saudades…

Meneio com força a cabeça e mergulho no planejamento do chefe, não é um dia onde tenho direito de errar.

Organizo os seus encontros, preencho sua agenda, faço uma triagem em sua correspondência e a entrego a ele como se nada tivesse acontecido, lhe reservo um quarto em um hotel de luxo para sua próxima viagem a Milão, acerto os últimos detalhes com o buffet para a noite dos jovens estilistas, redijo o relatório sobre o último casting da agência e passo horas ao telefone com assessores de imprensa cujo discurso está na ponta da língua e dos quais tento me ver livre. Só tenho tempo de engolir a metade de um sanduíche diante do computador, sob o olhar desaprovador de Marcus, que imita em seu próprio corpo um traseiro bem redondo.

Por volta das 20h00, o local esvazia e eu também começo a reunir as minhas coisas para sair o mais rápido possível, ou seja, antes de ficar a sós com Ferdinand. Preparo um post-it « Itô confirma a presença no jantar. Boa noite. », que vou colar discretamente na porta de seu escritório, antes de entrar no elevador. Cansada e faminta, dou um grande suspiro para aliviar a tensão do dia e aperto o botão luminoso do térreo. Dentro de sete andares, estarei livre!

Mas um mocassim pontudo, preto lustroso, vem bloquear a porta com um gesto seguro.

– Tem lugar para mim? Ou a

senhorita pretende tomar este elevador sozinha?

– Sinto muito, não havia visto o senhor, Ferdinand.

– Sou eu que sinto muito, Amandine: não há um botão « Pare » nesta máquina antiquada. É uma pena.

Ao mesmo tempo em que sorri de sua pequena alusão a meus e-mails com Gabriel, Beauregard desfaz o nó da gravata e o primeiro botão do colarinho de sua camisa, deixando aparecer seu pomo-de-adão e voarem as últimas volutas de seu leve perfume.

– Gosto dos edifícios antigos, respondo, para tentar mudar de assunto.

– Eu também. Só é menos fácil para as novas práticas.

– O senhor vai evocar este incidente até o fim dos tempos?

– Deixe-me aproveitar somente mais um pouco. É uma grande estreia! Geralmente, sou eu quem pronuncia palavras obscenas para as mulheres que mal conheço.

– Elas não eram obscenas, eram particulares.

Entre a contenda verbal e a pequenez da cabine do elevador, começa a faltar ar e a ausência de climatização começa a se fazer sentir. Ferdinand decide tirar o paletó e o dobra cuidadosamente debaixo do braço, recobrando os seus

modos de *dândi* elegante, apesar de seu discurso de sedutor.

– Fique tranquila, não vou fazer um strip-tease, vou parar por aqui.

Os movimentos amplos de seu corpanzil esbelto me obrigaram a recuar e eu me acho encostada ao espelho do fundo. O contato frio do vidro através da blusa instantaneamente me faz recordar a cena tórrida que vivi com Gabriel no elevador da Casa da Fotografia. A essas longínquas lembranças, ainda tão presentes, meu corpo se tensiona. Os dois homens são tão diferentes... Um espirituoso, cheio de doçura, de malícia, o outro de determinação, de força, de

selvageria. E o mesmo magnetismo.

Está divagando, Amandine. Gabriel lhe faz falta, inútil criar fantasias a respeito de seu oponente.

Não, não sinto absolutamente nenhuma atração por ele. Mas ora, acho que o aprecio…

– Já pegou um elevador tão lento? Acho que ele não quer nos libertar de sua prisão dourada.

– Estamos no térreo, Ferdinand. Já faz uns instantes.

– Desculpe, o tempo parou. Depois da senhorita.

Demasiado galante, Beauregard segura a porta para mim, enquanto teria sido muito mais fácil que ele saísse primeiro. Tenho de passar na frente dele, por baixo de seu braço, para sair do elevador. De costas, pressinto seus olhos buliçosos.

– Não olhe para minha saia!
– Tarde demais.

2. Por toda a vida

Os longos dias desse mês de agosto se sucedem e se assemelham: quentes, úmidos, pesados e a tempestade continua a não se desencadear. Entre a temperatura ambiente, minha carga de trabalho, a ausência de Gabriel e as cantadas de Ferdinand, estou agitada. Aceitei almoçar com Camille para me distrair e ajudá-la a arejar a cabeça, mas a atmosfera está irrespirável neste terraço lotado e nem minha Perrier gelada nem meu steak tartare modificam isso. Sinto minha irmã tensa, nervosa,

ela se balança na cadeira como uma criança impaciente, cruza, descruza e volta a cruzar as pernas, sem conseguir encontrar posição, escolhe ingredientes de sua salada sem comer nenhum e acaba atacando um pedaço de pão cujas migalhas amontoa metodicamente em pequenos montes.

– Bem, Camille, vai se pôr a classificá-las da menor para a maior ou vamos conversar?

– Não sei o que tenho, não pode imaginar como estou estressada!

– Não sabe o que tem? Talvez um divórcio? Uma nova gravidez? Um…

– Silas quer casar comigo.

Quase sufoco com a batata palha e me engasgo com a água gasosa. Tento continuar em meio a meus acessos de tosse, que me fazem vir as lágrimas aos olhos.

– Pode repetir?

– Ele me pediu em casamento. Ontem à noite.

– Cada vez melhor… O que você respondeu a ele?

– Amandine, esta não é uma pergunta que exija realmente uma resposta.

– Sim, Camille! Você tem direito de pensar antes de fazer qualquer coisa, por uma vez. Pode esperar um pouco antes de se comprometer por toda a vida. Vai fazer isso todos os anos? Casar, ter um

bebê e se divorciar?

– Não sei o que me impede de jogar minha coca na sua cara.

– Talvez saber que tenho um pouquinho de razão?

– Silas decidiu assumir suas responsabilidades. Quer ter este filho, educá-lo, como eu poderia impedi-lo disso?

– Mas será que vocês se amam? É uma pergunta que a gente se faz, por vezes, antes de se casar…

– Você e seus grandes princípios! O que eu sei é que Alex nunca passou confiança, desde o começo ele foge… Silas está presente, comprometido, jamais nos abandonará.

– Está certa disso? Mesmo quando

ele souber que Eleanor está viva?

– Que, o que é você está dizendo?!

– Ela está. Não tenho nenhum direito de dizê-lo e você não deve repetir isso. Foi Prudence que o disse a Gabriel, Eleanor nunca esteve morta. Neste exato momento, ele está no seu rastro, faz de tudo para encontra-la e é a primeira coisa que Silas fará quando souber a verdade.

Vejo o rosto de Camille mudar. Subitamente, ao mesmo tempo calma e determinada, ela junta suas coisas, coloca na mesa uma nota de vinte euros, joga o celular na bolsa e enfia os óculos de sol entre os cabelos. Antes de se levantar, aproxima seu rosto do meu,

como se fosse murmurar, mas se põe a berrar:

– Você é ainda mais louca que eles! Não é culpa minha se seu homem a deixa. Não é culpa minha se ele a esquece quando Eleanor entra em cena. Quanto a mim, estou esperando um filho de Silas, sou sua noiva e isso você não pode suportar. Nada liga você a Gabriel, está me ouvindo? Você não é nada para ele, NADA!

A megera da minha irmã abaixa os óculos escuros sobre os olhos e se levanta ruidosamente. Nossos pratos se entrechocam e nossos dois copos cheios entornam, molhando de passagem o

casal da mesa vizinha que nada perdeu deste monólogo teatral. Eu me desculpo educadamente, tentando salvar o que pode ser salvo, pago a conta e fujo por minha vez, para longe dessas pessoas, desses olhares e deste calor, que me arrasam.

Corro a me refugiar no frescor dos ambientes da Agência de Modelos Prestígio, esperando encontrar Marcus: ninguém nos escritórios, tendo a pausa para o almoço apenas começado. Eu me deixo cair na cadeira giratória e desfruto um instante da climatização, refrescando minha testa que arde e secando a umidade salgada sob os meus olhos. Não sei se estou magoada com a

maldade de minha irmã ou vexada com o fundo de verdade de suas palavras… Por que Gabriel me abandona no momento em que mais preciso dele, em que mais preciso ser amada e confortada? Por que o Silas sem tendência para a casamento se põe a bancar o futuro pai e futuro marido perfeito quando meu amante brinca de esconde-esconde com sua noiva miraculada? E a derradeira questão, que mal ouso formular: por que é sempre necessário que ela passe na minha frente? Morta ou viva, mesmo sem ser encontrada, esta maldita Eleanor é onipresente. Apesar de todas as palavras de amor de Gabriel, eu me dou conta de que, em vez de estar perto de

mim, ele corre atrás dela.

SOS melhor amiga, Amandine em perigo!

Com os olhos ainda embotados, redijo uma mensagem de texto para Marion.

[Continua de pé o encontro desta noite? Posso chegar mais cedo?]
[Quando quiser, minha queridinha. Tudo bem?]
[Não. Vou lhe contar. O que é que eu levo?]
[Nada. Ah, sim, sua gentileza. E talvez vodca: Íris estará aqui, ela insistiu em vir…]

[Oh, não! Eu queria choramingar, fazer-me apiedar e rolar no chão esta noite!]
[Impossível recusar, sinto muito… Mas acho que ela está disposta a fazer um esforço. Vamos, venha, vai ficar tudo bem!]
[Perdido por um perdido por muitos! Até já.]

Passo a tarde a suspirar pela menor contrariedade. Nem mesmo Marcus consegue me devolver o sorriso, obnubilada que estou com a cena de minha irmã e o silêncio de meu amante. Ferdinand nota meu mau-humor e sente prazer em me chatear. Ele me chama mais ou menos dez vezes a seu escritório, para me solicitar um dossiê

que está perfeitamente arrumado em seu lugar, para me pedir que lembre a ele o primeiro nome de um colaborador que ele conhece muito bem, para verificar questões que foram decididas na última semana, em seguida para ajudá-lo a procurar seus óculos… que estão exatamente em seu nariz. Na enésima vez, cansada desse joguinho sem fim, pretexto uma forte enxaqueca a fim de obter sua autorização para sair um pouco mais cedo que de costume. Passa das 19h00, é uma sexta-feira, sou uma das últimas na Agência, acho que mereci grandemente minha noite.

– Visto seu estado, não obterei nada de você esta noite, não é?

– Honestamente, acho que fiz o bastante por hoje.

– Amandine, é bastante estranha esta sua maneira de reivindicar algo e de pensar que a senhorita o conseguirá sendo desagradável.

– Só estou muito cansada.

– Na sua idade? E com este vestido? Realmente é uma pena.

– Posso ir?

– Como dizer não a este rostinho abatido?

– Obrigada. Bom fim de semana, Ferdinand.

– Deixe-me dizer uma coisa à senhorita antes de deixá-la ir. Quem quer que seja, Diamonds ou outro, não

se deixe abater. Uma jovem mulher tão bela jamais deveria ser desapontada ou abandonada.

– Tentarei pensar nisso. Até segunda.

– Se a senhorita se sentir só, daqui para lá, me ligue!

– Obrigada, mas não, obrigada.

Deixo meu patrão e seu sorriso zombeteiro em seu escritório e me dirijo ao elevador, minhas coisas debaixo do braço. Quando as portas se fecham em minha cara, o incansável Ferdinand bota a cabeça no corredor, imita com os dedos um telefone, que aproxima do ouvido, e me diz com seu ar divertido:

– Até a noite!

Não posso me impedir de rir diante de sua brincadeira de menino e de me perguntar se vou encontrar uma atmosfera tão agradável essa noite.

Essa é nova, sentir-se melhor no escritório que na casa de seus amigos?!

Obrigada, aliados…

Reúno-me a Marion e Tristan em seu novo apartamento comum do 11º distrito, para o que deveria ser uma noite íntima e que certamente vai se transformar em aperitivo singular, depois em jantar aborrecido com a famosa Íris, tão loura quanto bizarra.

Graças a ela, nosso trio infernal se tornou um quarteto imperfeito. Se estou contente em saber que Tristan tem um par e está refeito de nossa pequena história de mão única, continuo a não me acostumar com sua nova companheira. Nada a fazer, eu a detesto. Loura demais, o cabelo liso demais, perfeita demais, malandra demais. Não sei o que Tristan viu nela e vice-versa, o casal que eles formam me parece tão improvável quanto… Gabriel e eu.

Bom, demos a ela o benefício da dúvida.

Uma chance, Íris, eu lhe dou uma chance!

Seguindo o endereço que me deu Marion, eu me perguntava como o irmão e a irmã podiam pagar um apartamento de três cômodos perto do Boulevard Voltaire. Mas entendo um pouco melhor no momento de subir, arquejante, até o sexto andar do edifício. O preço do elevador deve ter sido deduzido do aluguel. É ensopada de suor que enfim toco a campainha, aparentemente silenciosa, antes de bater à porta. Preparo-me para começar a me lamuriar pelo esforço que acabo de fazer, mas Íris vem de receber, de pés descalços e cabelos molhados, olhando-me com um ar de asco e me sublinhando, com um sorriso:

– Não a beijo, acabei de me maquiar!

Maldita!

Insultos me vêm à cabeça, mas prefiro não entrar no seu jogo.

– Posso ver os dois locatários? É preciso realmente falar desta história desse elevador!

– Oh, bem, as escadas são muito boas, aumenta as coxas!

O que é que têm as minhas coxas?!

– Por aqui, Amandine, estamos na cozinha! Diz Marion, que deve sentir que estou demorando.

– E então? Os Aubrac estão aburguesando! Pãezinhos, presunto cru e isso, é o que? Gaspacho?

– Tudo caseiro, foi Íris que cozinhou, responde Tristan, orgulhoso como um pavão.

A loura se lança em seu pescoço e o beija sofregamente. Um beijo que não tem nada o que fazer em uma cozinha por volta das 19h30 e ainda por cima com público. Marion e eu desviamos os olhos depois de haver trocado uma careta de repulsa. Tento retomar a conversa para pôr fim a este beijo mais do que embaraçosa.

– Uma colocação entre irmão e irmã,

estais loucos! Eu já não conseguia compartilhar o controle remoto com Simon, não sei como ide suportar-vos.

– Decidimos que eu serei o homem da casa, graceja Marion. De comum acordo, mesmo estando mais de acordo do que ele.

– Aí está como se dar bem com as mulheres, retruca Tristan sem se dirigir a ninguém em particular, deixá-las acreditar que elas têm o poder para ficar tranquilos.

– Meu homem compreendeu tudo, acrescenta Íris, não há necessidade de bancar o macho dominador. Isso está tão ultrapassado...

Obrigada por esta análise

sociológica, Junquilho!

– Este é mais seu estilo, não é, Amandine? Enfim, segundo o que me contaram…

Hum… É assim que ela se esforça, Tulipa?

– Não sei o que lhe contaram, mas Gabriel tem múltiplas facetas. Eu amo sim os homens complexos.

– Se quer a minha opinião, as pessoas adoram complicar suas vidas, hoje em dia. Está na moda ser torturado!

Mas eu NÃO quero sua opinião, Begônia! Foi isso que você não

entendeu...

– Eu também os amo complicados, acrescenta Marion para correr em meu socorro. Como este Ferdinand de Muito Beauregard! Estou certa de que existe um menino mau oculto debaixo de sua roupa de dândi bem educado.

– Do que está falando? Ele não olha nenhuma mulher nos olhos, não tem nada de boa educação! Não há um só dia em que ele não comente minhas roupas e não me faça uma proposta indecente…

– Ah, não, você já tem um milionário, este você deixa para mim! Choraminga Marion.

– Um é bom, mas dois é melhor, continua Tristan no tom do provérbio.

Íris se intromete de novo, sem abandonar seu sorriso de santinha do pau oco e de suas observações maldosas:

– Deixe-a em paz, Amandine precisa que a amem, só isso, há pessoas assim.

– Agradeço por se preocupar comigo, Íris, mas está tudo bem. Não « preciso » de nada.

– Só digo que você deixou Tristan se apaixonar por você, quando não o queria, da mesma forma que é perfeitamente humano aproximar-se de seu patrão quando seu homem a abandona.

– Não estou me aproximando de ninguém e ninguém me abandona,

decididamente isso é um saco! O tema da noite é meu processo?!

– Eu não queria magoá-la, achei ter entendido que Gabriel estava ausente há algum tempo. O que é exatamente que ele está fazendo?

Marion tenta mais uma vez mudar de assunto, não tanto para evitar esta resposta, mas para impedir que eu me irrite:

– Em todo caso, se você não quer Ferdinand, eu pego!

– Eu o deixo para você. Com prazer. E também vou deixá-la, acho que é melhor.

Esvazio meu copo de um trago e me levanto de um salto alcançar novamente a saída. Íris e Tristan veem eu me levantar sem se mexer, enquanto Marion corre atrás de mim para tentar me deter. Eu a beijo no rosto e bato a porta, é mais do que posso suportar esta noite. Envio uma mensagem de texto a minha melhor amiga a caminho do metrô para que ela não se preocupe comigo e considere minha partida precipitada como algo contra ela. Acho que Íris e eu simplesmente não vai funcionar. Mas nem por isso quero perder meus amigos.

Saindo da boca de metrô da estação Bercy, tiro o telefone para tentar ligar para Gabriel antes de chegar a casa.

Preciso mais do que nunca ouvir sua voz. Preciso de seu apoio, de sua presença, mesmo de longe. Ao me aproximar de meu apartamento, com o celular colado ao ouvido esperando o sinal, percebo um grande sedã preto estacionamento anormalmente na calçada de meu edifício. Um motorista, cujo rosto me é familiar, me gratifica com seu mais belo sorriso estendendo-me um pequeno cartão branco nacarado. Reconheço a letra de Gabriel, antes mesmo de haver decifrado as palavras:

Isto é um rapto. Não oponha nenhuma resistência. O resgate será salgado.
G.

Apesar dessa mensagem enigmática, não me preocupo com nada. A não ser com o que devo levar e com meu estado depois deste dia quente, desta subida de escadas e desta noite que me deu nos nervos. Interrogo o motorista com um olhar de pânico, como se ele pudesse ler meus pensamentos e me ajudar a tomar uma decisão.

Amandine, oito anos e meio, precisa que lhe façam a mala.

O homem de terno preto me toma delicadamente o pequeno cartão das mãos, vira-o e volta a escorregá-lo entre os meus dedos.

Inútil ir buscar roupa em casa ou se arrumar.
Quero você, como você é, imediatamente. É urgente.
Até daqui a uma hora.

Meu amante me conhece muito bem. Sorrio por dentro, afundando no carro confortável que me leva à plataforma de decolagem do jato particular. Como de costume, Gabriel previu tudo. Ignoro onde ele está e sei que nenhum membro da tripulação aceitará me dar essa informação. O destino faz parte da surpresa, nem mesmo tenho vontade de tentar adivinhar. A bordo do pequeno avião luxuoso, já desfruto do que ele me reserva. Faz muito tempo que ele não

aposta alto em mim. Não posso me impedir de ver nisso uma prova de seu amor e de sua vontade de ainda me seduzir. Meu amante insaciável não me escapou. Esmoreço de antemão por sua maneira de se fazer perdoar, por meu resgate « salgado », por nossa maneira de nos reencontrarmos…

Amandine, dezesseis anos e meio, precisa de uma ducha fria.

Aterrissamos uma hora mais tarde em uma cidade que não conheço e ainda é preciso esperar um curto trajeto de carro para vislumbrar um nome em um painel branco com bordas vermelhas: Trinité-sur-Mer. Não tenho a menor ideia do

que Gabriel está fazendo na Bretanha, nem do por que está me convidando, mas a palavra *« salgado »* enfim adquire seu duplo sentido. Meu motorista me deixa no porto completamente iluminado na noite que começa a cair. As cores alaranjadas que se refletem na água cinza-azulada se mesclando com o céu semelham um cenário de cartão postal.

O calor abafadiço de Paris deu lugar a uma suave brisa refrescante e eu deixo o ar marinho explodir em minhas narinas. No cais, eu já flutuo. Vislumbro uma grande silhueta escura encarapitado em um veleiro. Amplos movimentos de braços, ágeis e graciosos, como se não pudessem pertencer senão a um único

homem, me convidam a que eu me aproxime. Gabriel me faz subir a bordo: não trocamos uma palavra, apenas o mais longo, o mais natural, o mais profundo e o mais sensual dos beijos. Não sei por que magia (ou graças a que capitão escondido) o barco se põe a singrar suavemente. A partir do porto de La Trinité, nós nos afastamos para a baía de Quiberon, tranquila e silenciosa, nossos corpos sempre enlaçados e nossos lábios misturados.

Arquejante, esboço um movimento de recuo para exigir o que me é devido. Mas o que, ainda hesito: exigir as explicações que ele me deve ou obter o abraço que tanto desejei? Afinal me

precipito, o coração vencendo o corpo:

– Onde você estava?

– Bom dia, Amande. Também senti saudades.

– Encontrou Eleanor?

– Afastou Ferdinand?

– Gabriel, por favor, não esta noite. Não este joguinho, não agora.

– Eu tinha uma boa pista, não deu em nada. Ela não pode ser encontrada nos Estados Unidos. Creio que poderia ter refeito a vida aqui

– Na França?

– Na Bretanha. Ela amava… ela ama muito esta região.

– E é por isso que estou aqui?! Então é isso, o barco, o pequeno cruzeiro

noturno? Você também convidou mergulhadores? Vamos passar a noite a vasculhar o Oceano Atlântico?

– Cale-se e me escute. Não entende que eu não podia passar nem mais um minuto sem você? Queria trazer você para o mar, longe de tudo. O jantar no deque está reservado apenas para nós.

– Mas a terra não para de girar por você, sabe disso! Eu tenho uma vida, mesmo quando o Sr. Diamonds desaparece! Não pode estalar os dedos para que eu apareça quando você quiser, onde desejar.

– No entanto, foi isso que você fez: você está aqui…

– Está feliz? Posso ir embora agora?

– Por favor, a costa é por aqui. Mas

eu a desaconselho a voltar a nado, à noite a água é fria.

– Você realmente zomba da minha cara!

– E você não entende nada.

– Mas você não me explica nada!

– Amande, eu queria que ficássemos sozinhos no mundo, os dois. Porque só assim somos felizes. E eu pagaria caro todos os jatos particulares, todos os barcos e todos os festins do mundo para que esta noite no oceano durasse por toda a vida.

No instante seguinte, estou me jogando em cima de Gabriel. Não pude resistir nem por um segundo a mais a sua declaração apaixonada nem a meu

desejo urgente. Na minha pressa, mal me reconheço. Irrito-me por não conseguir desabotoar sua camisa, minhas mãos tremem, meus dedos são inábeis, meus pensamentos se agitam em minha cabeça. Tenho a impressão de não saber mais fazer. Gabriel não mudou, sempre senhor de si, sempre rindo de minha falta de jeito. Ele segura delicadamente os meus punhos tensos e coloca minhas mãos em seu peito. Posso sentir seu coração bater, com força e lento. Ele me olha com ternura, respira profundamente como me pedindo para imitá-lo, depois me beija nos lábios para acabar de me acalmar.

Meu comandante de bordo guia

novamente meus dedos para os seus botões, que tiro um por um, calmamente, depois meus gestos mais seguros deslizam naturalmente para o botão de sua calça. Não paramos de nos olhar, nossas respirações arquejantes se misturam. Por sua vez, mal o sinto tirar minha roupa, até que nossas peles nuas se encontram. Quase desmaio diante deste contato divino, tão esperado, mas Gabriel me envolve em seus braços, me ampara, me aninha de encontro a ele, antes de me deitar no deque do barco. A lua ilumina nossos corpos emaranhados e apenas o barulho da água de encontro ao casco cobre nossos suspiros de prazer. Quando, enfim, não formamos mais que um, o veleiro parece oscilar ao

ritmo de nosso abraço, primeiro suave e terno, depois intenso e apaixonado. Logo uma imensa vaga me submerge, peco o pé e me deixo afundar lentamente, abandonando-me a este orgasmo impetuoso. Quando Gabriel se une a mim no gozo, o vento faz cair sobre os nossos corpos ardentes um vapor vivificante. Não nos movemos mais. Acalentados pela onda, estamos sozinhos no mundo, felizes, serenos, leves, como que suspensos entre o mar e as estrelas.

3. Em estado de alerta

Depois de dois dias no mar, continuo feliz e leve. Um pouco mais bronzeada que antes e mais apaixonada que nunca. Gabriel acaba de me fazer passar o fim de semana mais repousante, mais revigorante possível. Exatamente aquilo de que eu precisava. Nenhum outro homem poderia compreender os meus desejos, me satisfazer a esse ponto. Navegamos um pouco, nos divertimos velozmente ao vento ou pulamos do barco como duas crianças. Fizemos uma curta escala na pequena ilha isolada de

Hœdic para devorar pratos de frutos do mar regados a champanhe. Passeamos nas dunas ao cair da noite, tomamos sol e fugimos da multidão, nos banhamos nas vagas e afundamos na areia. Rimos e conversamos por horas, nos calamos diante da beleza de certas paisagens. Fizemos amor um pouco por toda a parte no veleiro, nos abraçamos com força e nos acariciamos por muito tempo. Falamos do futuro e desfrutamos do momento presente, tentamos parar o tempo… Mas já o barco se aproxima da terra firme e nos traz de volta à realidade.

– Tem certeza de que não pode voltar comigo? Diga-me que sim, Gabriel,

insisti, com meu esgar mais suplicante.

– Tenho de ficar na região, é preciso encontrar Eleanor, Amande.

– Isso me mata, você me largar por ela.

– Eu não estou largando você. Vou encontrá-la por Virgílio, não por mim.

– Eu sei…

– E sabe também que eu não a amo mais. Amei-a por muito tempo, bem depois de sua morte, mas não desde que você apareceu. Hoje eu a detesto pelo que ela nos fez. Por seu desaparecimento, sua traição, seu abandono.

– Não diga isso.

– Ela não vai nos separar, Amande. Ninguém o fará.

– O tempo vai ser tão longo sem você...

– Vou deixar a você uma pequena lembrança que lhe dará do que se recordar…

Na cabine do barco que há dois dias nos serve de ninho de amor, meu sublime amante pula em cima de mim como um tigre sobre sua presa. Mal tenho tempo de lhe responder, ele pega minha cintura e me cola brutalmente a ele. Através de meu vestido de marinheiro, enésimo presente de sua parte, sinto a dureza e o calor que emanam de seu corpo musculoso. Pega de surpresa, deixo escapar um soluço que ele interrompe, colando sua boca

ávida de encontro à minha. Sua língua sôfrega me abrasa, já sinto meu baixo-ventre palpitar com impaciência. Suas mãos se introduzem debaixo de meu vestido, afastam minha tanga e me prodigalizam carícias divinas. Encorajada por este primeiro contato carnal, tiro sem jeito o cinto de Gabriel e, entre dois gemidos, consigo desabotoar sua calça. Pego a ereção magistral de meu Apolo e inicio um movimento de vai-e-vem terno e langoroso, que lhe arranca grunhidos de satisfação. Aumento a cadência e adoto o mesmo ritmo que ele. Meu amante de ferro e eu arquejamos em uníssono, nossos suspiros ecoam na suntuosa cabine deste veleiro dos prazeres.

Com um elã bestial, meu amante resplandecente me ergue com uma prodigiosa facilidade, enrola as minhas pernas em torno de suas ancas e, ao mesmo tempo em que me cola à parede da cabine, me penetra vigorosamente. Suas investidas me fazem sair do chão e me mandam ao sétimo céu. Acolho sua virilidade gritando meu desejo, minha intimidade está em brasa. Gabriel me possui, me atravessa, seu sexo de proporções divinas desliza dentro de mim e me faz perder a cabeça. Minhas mãos desocupadas arranham suas costas, depois empunham sua cabeleira dourada, como um náufrago se agarra a sua tábua. E depois, sem me ter

preparado, não me contenho mais, meu corpo inteiro se tensiona, se torce e orgasmo me vence. Alguns segundos mais tarde, é a vez de meu belo capitão se abandonar ao gozo. Ele vem se instalar no mais profundo de mim e, com um derradeiro suspiro, derrama seu prazer gritando meu nome.

Esta manhã de segunda-feira é a mais penosa desde o início de minha curta carreira na AMP, como é chamada, entre os clientes a Agência de Modelos Prestígio. Ainda tenho na cabeça meu fim de semana idílico com Gabriel e nossas despedidas tórridas mas emocionantes e não tenho nenhuma vontade de enfrentar as caras de enterro

de meus colegas, nem os olhares oblíquos de Ferdinand. Felizmente, Marcus está presente para me acolher com seu entusiasmo transbordante e sua energia comunicativa:

– Espere um pouco, querida, deixe-me olhar para você… Sim, você está com a cara típica de quem está apaixonada! E então, feliz?

– A tal ponto que eu nem lhe conto!

– Sim, conte! Conte-me tudo!

– Um pequeno fim de semana surpresa na Bretanha.

– No mar, é romântico demais!

– Não, SOBRE o mar, isso é o mais belo!

– …

– Marcus, feche a boca. Você vai falar demais.

– Estou passado! Você tem muita sorte. Nenhum homem faria isso por mim. O último que me levou para um fim de semana me levou para um acampamento. O máximo do glamour!

– Se foi o tatuado de jogging e corte à escovinha com quem cruzei da outra vez, você mereceu!

– A gente faz o que pode, querida! Nem todos encontram um milionário com preferência pelo luxo. Quanto a mim, gosto dos maus meninos e atraio os casos sociais, o que quer?!

– Sabe que tem o direito de permanecer celibatário enquanto espera

tirar a sorte grande?

– IM-POS-SÍ-VEL!

Nossas falações barulhentas começam a provocar irritação a nossa volta e eu abro minha caixa de e-mails profissional para fingir estar ocupada, ao mesmo tempo em que continuo a tagarelar com meu colega preferido.

– Se precisa de companhia, arranje um cachorro!

– Eu estava pensando nisso, veja só! Estou sonhando com um chihuahua…

– Marcus, às vezes você é tão lugar-comum!

– Espera, cruzei com um bem engraçadinho em um pet-shop da Pont-

Neuf. Mas ele era todo branco, disse a mim mesmo que era fácil demais de sujar.

– Você é doido.

– Acha que um cachorro pode ser pintado?

– Doido de atirar pedra!

O último e-mail recebido vem de Gabriel, a quem, no entanto, eu pedira para não me escrever mais senão para minha caixa de e-mails pessoal…

De: Gabriel Diamonds
Para: Amandine Baumann
Assunto: Lembranças

Já estou com saudades.

Ainda tenho seu perfume na pele. E nos dedos…

G.

Aprendi bem a lição de Ferdinand e vasculho minha bolsa de mão à procura de meu celular para lhe responder por meio de mensagem de texto.

[Você realmente quer que eu seja mandada embora!]

Meu amante deve estar entediado para me responder na mesma moeda.

[Você realmente quer que eu seja

mandada embora! Encontrei todos os seus bilhetes no barco.]

[Todos? Abriu o refrigerador…?]

[Vou correndo. Quando teve tempo para fazer isso? Você me faz balançar…]

[Não tenho mais direito de vê-lo dormir. Aproveitei para lhe deixar algumas lembranças de minha passagem.]

[Como eu poderia esquecê-la…?]

Oscilo entre a tela de meu iPhone, a do computador e o semblante de Marcus, ele mesmo um filme, tanto é expressivo. Também espero um sinal de Ferdinand, que adora me surpreender quando eu menos espero e que acha

muito divertido fazer-me sobressaltar desde que entendeu que isso funcionava todas as vezes.

Ele deveria se chamar Ferdinand de Eu-não-sei-parar!

– Esta tez bronzeada lhe cai muito bem, Amandine.

Ele não deixou passar a oportunidade, dei um pulo na cadeira embora, por uma vez, eu não tivesse nada para me censurar. Ignoro como Beauregard faz para chegar, sempre, sem que eu perceba. Este joguinho diverte muito Marcus e é insuportável para o resto de nossos colegas, que o

chefe considera como mais ou menos transparentes. Respondo a ele com um sorriso forçado que tem por objetivo abortar esta conversa sobre minha cor de pelo (terreno escorregadio…) e torno a mergulhar em meus e-mails. Ferdinand desaparece em seu escritório.

– Que cara é essa, Amandine? Viu um fantasma?

– …

– Seu bronzeado californiano não a autoriza a fazer uma cara tão feia, acalme-se, querida!

– Um e-mail de Hortense…

Leio e releio as palavras da antiga assistente com cuja vaga fiquei

independentemente de minha vontade.

De: Hortense Lemercier
Para: Amandine Baumann
Assunto: O que é que você acha?

Para sua informação, sua ladrazinha, seu novo patrão preferido teve relações sexuais com absolutamente todas as assistentes. É a única coisa que o interessa. E você não vale mais do que as outras, acredite em mim. Quando tiver conseguido o que quer com você, ele vai descartá-la, como todas as outras antes de você. Se quiser saber, não escondeu isso no momento de contratá-la. Não vá dizer

que eu não avisei. Para bom entendedor... Adeus.

Faço um resumo rápido para Marcus, que francamente não parece surpreso.

– Pobre Ortie, ela ficou com o coração partido. Mas como pode ser amarga!

– Mas todas, todas mesmo? Pergunto a meu colega, incrédula.

– Todas as que quiseram. Portanto, sim, todas.

– Então é só por isso que ele é simpático comigo…

– Esta ingenuidade é tão comovente. Tenho vontade de chorar.

– E dizer que eu tomei sua defesa… Gabriel tinha toda razão.

– Mas espere, talvez ele realmente a aprecie.

– Sim, porque resisto a ele…

Minha decepção está na mesma razão da estima que eu tinha por Ferdinand. Apesar de seus ares de Dom Juan, eu o achava brilhante, engraçado, benevolente, estava convencida de que no fundo ele era bom e que eu era uma das poucas a ver isso. E quase me convencera de que ele havia descoberto em mim um potencial, uma coisinha a mais, qualidades que justificassem esta promoção precipitada. Creio que esperava encontrar nele um mentor. Será

necessária esta revelação de Hortense para abrir os olhos para o personagem… mas também para que eu me dê conta de meu apego por ele. Não sou de natureza a confiar no primeiro que aparece, menos ainda quando se trata de homens, mas este me havia seduzido por sua inteligência, seu humor, sua personalidade complexa. E estou com mais raiva ainda por me ver tão desapontada.

É este o momento que o chefão escolhe para me chamar ao seu escritório. Sei de antemão que não poderei esconder meu mau-humor e minha careta de decepção. O que não sei é se conseguirei conter todo o veneno

que tenho vontade de lhe cuspir.

– Que cara preocupada é essa, Amandine? A senhorita estava resplandecente há apenas dez minutos. Diamonds mais uma vez fez das suas?

– O senhor deveria se olhar no espelho.

– Tenho os traços tensos, sei disso. Mas preciso ocupar minhas noites quando a senhorita recusa a minha companhia.

– Eu pensava ter sido contratada como assistente, não como acompanhante.

– Hum… A senhorita soube de minha reputação. Hortense?

– Isso não tem a menor importância.

– Não é o que dizem os vossos braços cruzados e vossa fronte preocupada.

– Pouco me importa saber com quem o senhor se deita.

– Então qual é o problema, Amandine?

– Eu acreditava ser apreciada por minhas competências. E pensava que o senhor era um cara do bem.

– Aprecio as vossas qualidades humanas. E a senhorita não conhece absolutamente nada a respeito das minhas.

– Não, mas sei que o senhor exerce vosso direito da primeira noite como um homem bruto da Idade Média. Sei que o

senhor magoou Hortense. Sei que o senhor assediou Celeste quando ela recusou as suas cantadas.

– Diamonds deveria realmente parar de superproteger as mulheres que o cercam. Ele as sufoca. Ele as mata.

– Como ousa?!

– É extremamente fácil, Amandine, reduzir os homens aos boatos que os perseguem. É mais difícil e muito mais interessante tentar compreendê-los e formar sua própria opinião. Mas para isso é preciso um pouco de coragem, de discernimento, de perseverança. Visivelmente você carece disso. Talvez eu tenha me enganado a respeito da senhorita, afinal. Saia de meu escritório, tenho trabalho a fazer.

A ausência de Gabriel me pesa um pouco mais a cada dia e eu não ousei lhe contar este novo episódio no caso Baumann contra Beauregard. Continuo sentindo muita falta de meu amante, apesar de nossos longos telefonemas noturnos e nossas trocas de e-mails delirantes e me inquieto à ideia de que ele se aproxima cada vez mais de Eleanor ao seguir sua pista. Passo o resto desta semana interminável a hesitar entre pedir minha demissão e a me mexer na Agência para provar a meu patrão que ele está errado em duvidar de minhas qualidades. Ele agora me trata tão dura e friamente quanto todos os outros e os dias passam bem menos

depressa sem as nossas justas verbais e nossas pequenas provocações cotidianas. Quanto a Marion, passou a semana inteira vindo me buscar no trabalho, tarde da noite, na esperança de cruzar com ele. Íris se pôs a me mandar mensagens de texto misericordiosas, imagino que Tristan contou a ela todas as minhas infelicidades. Continuo a não compreender esta garota e a não admitir a legitimidade desse casal. Da mesma forma que não compreendo a atitude masoquista e desesperada de Marion. Também não sei como agir com o indecifrável Ferdinand e ainda não decidi se ele era digno de interesse, como eu achava, ou bom de jogar fora. E ainda em acreditar inteiramente nas

declarações de amor tranquilizadoras e inflamadas de Gabriel, que não logram me fazer esquecer o temor obsedante de perdê-lo.

Por qualquer coisa, navego no vago. E é um sentimento que eu detesto. Pode muito bem ser que eu tenha pegado sem querer a síndrome do controle absoluto, marca registrada dos Diamonds. Ao desligar meu computador, esta sexta-feira à noite, arrependo-me de antemão da noite que me espera e que tolamente aceitei. Marion vem me buscar (de novo!) e nós devemos juntas dar uma passada na propriedade particular de Gabriel cuja chave continuo a ter. Não mais coloco a mão no magnífico colar

de diamantes que ele me ofereceu e minha melhor amiga me convenceu a ir buscá-lo no último lugar em que ele poderia estar. Detesto a ideia de ir fuçar a casa de meu amante na sua ausência, mas não posso razoavelmente lhe dizer que creio haver perdido são presente tão precioso.

Marion me espera comportadamente na calçada, enfeitada como nunca em uma calça preta ligeiramente colada demais e uma camiseta regata cinza de decote quase indecente. Beijo-a, tentando com todas as minhas forças não ficar de olho em seus seios e rapidamente inicio a conversa.

– Você não sabe o que Íris me mandou hoje?

– Um bracelete da amizade para que as senhoras sejam companheiras por toda a vida?

– Pior, uma mensagem de texto interminável e hipócrita: ela me pede notícias de Gabriel e me diz que está comigo de todo coração…

– Que gentil, faz Marion piscando ironicamente.

– Ela nem mesmo o conhece, é tão bizarro dizer isso!

– Quem sabe, talvez ela esteja de olho nele e em sua fortuna? Tristan é pobre demais para satisfazer todos os seus caprichos. Bizarro e venal,

portanto!

– Sim, bem, conheço outra, digo, dirigindo meu olhar na direção de Marion.

– Venha, vamos embora, acho que o destino não quer que eu encontre um milionário para mim.

É justo nesse momento que Beauregard por sua vez sai do prédio, chegando às costas de Marion, a quem olho com um ar severo para que ela, sobretudo, não acabe a frase. Nada feito. Meu chefe se diverte com isso e aproveita para examinar minha melhor amiga de costas, detendo-se sem disfarçar em seu generoso traseiro. Finalmente ela se vira, alertada por meu

olhar inquieto, e o *dândi* lhe oferece um beija-mão grotesco que faz Marion corar até as orelhas. A conversa que se segue é tão despropositada quanto implícita. Ele a paquera abertamente e ela entra em seu jogo sem nenhuma reserva, enquanto eu seguro vela, voluntariamente posta de lado. Tento permanecer impassível quando percebo Ferdinand observar em uma piscada minhas reações. Se ele está tentando me fazer ciúmes, fracassou. Uma vez cansado desta troca fácil demais para ele, pretexta um encontro e se evade com muita educação e galanteria. Marion está conquistada. Eu estou exasperada.

– Bom, vamos?

– Como ele é bonito! E divertido! Suas mãos, você viu as suas mãos? Têm qualquer coisa de muito feminino, embora ele transpire virilidade! E eu adoro suas maneiras um pouco fora de moda, é tão encantador...

– Está bem, volúvel! Sei de tudo isso, Estou com ele todos os dias. Podemos ir?

– Não se faça de difícil! Eu o quero, eu o quero, eu o quero! Ele parecia interessado, não?

– Mais ou menos tanto quanto eu por esta discussão.

Puxo Marion pelo braço para fazê-la avançar. Ela passa o trajeto inteiro a se

extasiar com *« seu novo pretendente »* . Sou quase obrigada a arrastá-la pela rua quando nos aproximamos da propriedade particular de Gabriel, Introduzi febrilmente minha chave e penetramos nesses espaços morrendo de nervosismo, como duas ladras inexperientes. Deixo minha melhor amiga de vigia perto da porta de entrada enquanto me dirijo para o quarto de meu amante, esperando encontrar lá o famoso colar.

– Oi, Amandine! Grita-me Virgílio atirando-se em minha direção, estranhamente contente em me ver. Como vão todos os outros? Sua mamãe ficou curada? E Oscar, mudou?

Não tenho tempo de responder, Prudence Diamonds surge atrás de seu neto. Se me assustei ao ver chegar o adolescente, é a raiva que me invade ao descobrir a mãe de Gabriel de chinelos e roupa de casa, o ar altaneiro estampado no rosto.

– O que está fazendo aqui, Amandine?

– Bom dia, Prudence. Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta…

– Estamos de visita a Paris e no momento estamos hospedados aqui.

– Ah? Gabriel sabe?

– Isso não lhe interessa. Virgílio, querido, volte para seu filme, faz favor.

– Mas por quê?! Quero falar com

Amandine, geme o lourinho, sempre bonito e muito menos fechado que de hábito.

– Temos de conversar entre adultos, deixe-nos a sós um momento, responde secamente sua avó.

Virgílio novamente fecha a cara, sob a espessa mecha de cabelos que lhe cobre a testa, e torna a sair, resmungando.

– Amandine, aqui estou em minha casa. Esta casa pertence aos Diamonds. Ignoro por que você tem uma chave.

– Porque divido a vida com o proprietário, Prudence. A senhora já esqueceu disso?

– Como poderia? É a senhorita que mantém meu filho afastado de mim.

– A senhora mesma se colocou nesta situação, mentindo para ele, traindo-o.

– Cometi um erro, admiti a verdade, Gabriel me é grato por isso.

Ora vamos...

– Ele jamais perdoará a senhora e a senhora sabe disso. Treze anos, Prudence, há treze anos que a senhora se cala.

– Nem todas as verdades devem ser ditas, Amandine. Mas vou ser completamente honesta com a senhorita: eu não queria nenhuma de vocês duas para meu filho, nem a senhorita nem

Eleanor. Mas se for preciso escolher, desejo que ele a encontre, pelo bem de Virgílio, que eles voltem a formar uma família. Ela já faz parte da nossa. Todos esperamos sua volta.

– A senhora não pode ir longe demais. Talvez com Celeste, mas não com Gabriel. Ele não a ama mais.

– Se a senhorita, Amandine, se a senhorita o ama como afirma, vá embora. Dê a ele a chance de ser feliz.

4. Os laços de sangue

A última frase de Prudence soou como uma bordoada. Atordoada, não encontrei nada para responder a ela e simplesmente girei nos calcanhares. A última coisa que eu queria era deixar a Rainha Mãe ver as minhas lágrimas invadirem os meus olhos. Ela teria se rejubilado. Busquei Marion na entrada, peguei sua mão e corremos para fora desta casa de loucos, corremos rápido pela rua até o metrô mais próximo. Minha melhor amiga me seguiu sem me fazer perguntas e me trouxe para casa,

em silêncio, me apoiando com sua presença e me apertando nos braços no instante de me deixar na soleira da porta. Marion tem o dom de me irritar, mas em situação de crise, ela adivinha os meus desejos, me compreende perfeitamente, sabe quando preciso ficar sozinha, quando não quero falar, é a melhor aliada com que posso sonhar.

De volta a meu apartamento, me deixo cair de cabeça em meu grande sofá e enfim me permito desabar. Deixo as minhas lágrimas correrem, meu sofrimento se manifestar com força, sem pensar em nada mais do que chorar, gritar, evacuar. Quando enfim seco, me esvazio e meus soluços não mais me

impedem de falar, faço a única coisa que me resta fazer. Pedir socorro a Gabriel. Como eu esperava, meu amante não atende e eu me vejo a deixar com uma voz sem timbre uma mensagem glacial e desesperada em sua caixa de mensagens, suplicando-lhe que volte, onde quer que esteja, que venha até mim. Alguns segundos depois de haver desligado, uma mensagem de texto faz meu coração saltar:

[Estou chegando. Não se mexa.]

Estou quase dormindo quando Gabriel aparece em minha sala. Eu me ergo com dificuldades no sofá para ficar de frente para ele, mas não tenho forças

para me levantar. Sua camisa azul-celeste de mangas arregaçadas deixa aparecer seu torso bronzeado, seus antebraços musculosos e ressalta seus olhos azuis, ao mesmo tempo tão intensos e tão suaves. Sua beleza me maravilha, como acontece todas as vezes que eu o encontro depois de uma longa ausência, como se meu espírito se recusasse a se habituar a isso, como se minha memória não pudesse reter tanta graça e perfeição. Sua mera presença basta para me tranquilizar. Meu Apolo vem se sentar ao meu lado para me envolver em seus braços, eu me aninho como um pássaro ferido e o deixo me embalar, me acariciar os cabelos, me embriagar com seu cheiro e seu calor.

– Sua mãe me pediu para lhe devolver a liberdade, eu disse, cochichando, sem refletir, não sabendo por onde começar.

– Prudence nem mesmo conhece o sentido dessa palavra.

– Ela quer que você encontre sua mulher, seu filho, que vocês sejam novamente uma família.

– Nunca o fomos.

– Mas ela tem razão. Você tem direito à felicidade.

– Não é assim que eu vejo a felicidade. Nem é essa a imagem que faço da família.

– Mas você…

– Eleanor já teve uma chance, deixou

passar. Ela faz parte de meu passado. Você é meu futuro, Amande, meu futuro radiante e feliz.

– Prudence nunca deixará isso acontecer. Jamais farei parte de vossa família.

– Prudence não é uma boa mãe. Eleanor de modo algum é uma. O filho que tivermos juntos terá a mãe com que eu sonho. Você. Nossa família será uma família Baumann, não uma Diamonds.

– O que foi que você acabou de dizer?

– Não suporto mais ver os membros de minha família se dilacerarem, se manipularem, se enganarem. Silas fez um filho em sua irmã sem querer. Celeste não é feliz no casamento, todo

mundo sabe e se cala, Barthélemy é o primeiro. Virgílio é órfão, foi criado por um clã mas não sabe o que é ter pais. Minha mãe é em grande parte responsável por esses infortúnios, ela nos forçou a todos a seguir por caminhos que não eram os nossos. E meu pai a deixou agir, por fraqueza ou covardia. Toda a nossa família é um fiasco. Acha realmente que faço disso um modelo? É você, Amandine Baumann, que vai me salvar deste triste destino. Você é que vai me fazer feliz. Sei disso.

Ainda encolhida de encontro a Gabriel, coloco minhas mãos trêmulas em seu belo rosto, mergulho meus olhos nos seus como que para medir a sua

declaração de amor. Nunca antes ele havia formulado projetos de futuro tão grandes, tão precisos para nós dois. Meus lábios entreabertos vêm pousar nos seus, suavemente. Meu amante transtornado os acolhe sem resistir, como se este beijo terno fosse a resposta que ele estava esperando. Neste instante eu me dou conta de que Diamonds e eu raramente ouvimos tanto um ao outro, partilhamos tanto as mesmas ideias. Nossas bocas se encontram, se roçam, se domam rapidamente, seguidas por nossas línguas que se acariciam sutilmente, depois se provocam. A respiração de meu amante se faz mais brusca, a minha, mais arquejante. A guerra começa.

Gabriel aperta seu domínio, suas mãos me colam contra ele mais apaixonadamente e esta tomada de poder me eletriza. Enlaçados no sofá, esquecemos que todo um mundo nos separa, que nosso duo improvável tem poucas chances de perdurar, que ameaças invisíveis talvez acabem por nos tirar a pele. Precisamente sua pele, suave, envelope bronzeado e perfumado, espero mais do que nunca sentir contra mim, em mim. Enquanto nosso beijo langoroso pôs fogo em nossos sexos inchados de desejo, desabotoo a sua camisa e ataco o zíper de sua calça sem quebrar o frenesi de nossa união. Encorajado por meus gestos

espantosamente precisos, meu amante apaixonado me imita e me despe lenta e prudentemente. Meu vestido escorrega no chão, revelando meu peito nu e minha tanga de renda, molhada com minha excitação. Nossos lábios se separam enfim e seguramos a respiração, sem nunca deixar de nos olhar. Vejo todas as suas emoções desfilarem em seu olhar: o desejo, o amor, o tormento também.

Meu Apolo dominador adivinha minhas intenções e faz de modo a me deter. Como que para me impedir de analisar os seus pensamentos, ele me pega brutalmente pelas ancas, me ergue e vem me botar escarranchada sobre ele. Dou um gritinho de surpresa, seguido de

um gemido lúbrico, quando sinto sua virilidade mergulhar em mim. Gabriel acaba de me penetrar, sem nenhuma preliminar, a não ser este beijo tórrido, e toma posse de minha intimidade em fogo. Passa as suas mãos de ferro sob minhas nádegas e me incita a começar um movimento de vai-e-vem deliciosamente lento e indolente. Jogador, ele mordisca os meus mamilos para me deixar louca e em resposta a este divino suplício, planto as minhas garras em suas costas, arrancando-lhe grunhidos.

Sua ereção se espalha em mim a cada investida e, apesar do ritmo imposto por meu homem Alpha, não consigo resistir

à tentação de acelerar a cadência. Pouco a pouco, me espeto mais vigorosamente em sua lança afiada, cuidando para me arquear ao máximo. Observo o rosto de Gabriel e noto que meus impulsos mais constantes começam a fazê-lo perder o controle. Eu o cavalgo ainda durante vários minutos, até que ele se endireita com todo o seu esplendor, cola seu peito musculoso e reluzente contra meu busto e se espalha no mais profundo de minha intimidade, em explosões irregulares e prazerosas. Rapidamente, chega minha vez: baixo as armas e me abandono a um orgasmo de tirar o fôlego, vibrante, ensurdecedor.

Com a cabeça repousada no ombro

deste homem que amo a ponto de morrer, saboreio os últimos sobressaltos de nossos corpos ainda carregados de prazer. Depois, sinto seus braços me apertarem com mais força, nossas peles úmidas se colarem se jamais se despregar, seu sexo ainda mergulhado em mim, e não consigo reprimir um sentimento de plenitude. Mesmo na adversidade, nossos corpos conseguem fechar todas as nossas feridas, nos proteger da assustadora verdade. De repente, o toque de meu telefone vem estourar nossa bolha de amor, silenciosa e ardente. Gabriel se deixa cair no sofá enquanto procuro meu celular às apalpadelas na escuridão de minha sala. Minha mão pega o aparelho na mesinha

e é a foto de Silas que aparece na tela, vibrando e cuspindo a canção de Coldplay aos berros.

Realmente preciso mudar o toque…

Atendo, com pressa para fazer calar « Viva la Vida » e inquieta com a razão deste telefonema noturno.

– Amandine, acordei você?

– Hein? Não, eu…

– Bom, escute, não entre em pânico, mas é preciso que você se vista. Estou na emergência com Camille.

– Silas, o que é que está acontecendo?!

Pelo meu tom de voz e meu ar assustado, Gabriel se endireita e me toma o telefone das mãos para ativar o viva-voz. Ouvimos ruídos sufocados que se assemelham a longínquos soluços estrangulados, em seguida a voz de Silas, do outro lado da linha, se faz mais fraca.

– Acho que ela está abordando... Havia tanto sangue... Não sei… Camille chamou você… E depois, eles a levaram… Merda, mas por quê?…

– Vamos imediatamente! Qual é o hospital, Silas? grita Gabriel, encarregando-se das coisas enquanto corro até o quarto para enfiar uma calça e uma camiseta limpas, o coração

explodindo no peito.

Só percebo fragmentos da conversa, enquanto me visto e amarro meus cabelos em um rabo-de-cavalo desarrumado, gritando perguntas para a sala.

– Ela está bem? Gabriel, Camille está bem?!

– Está no bloco cirúrgico, responde dirigindo-se a mim, antes de continuar conversando com o irmão. Não se desespere, Silas, estaremos aí em quinze minutos. Vai ficar tudo bem?

Rodamos a toda no Porsche Cayman de Gabriel e as ruas animadas de Paris à

noite nunca me pareceram tão barulhentas, ofuscantes, detestáveis. Odeio estes grupos de amigos alegres que falam alto diante das fachadas dos bares, estes casais apaixonados que caminham lentamente nas calçadas, estes pedestres inconscientes que atravessam no meio da pista e atrasam nosso périplo. Gabriel não para de acariciar minha coxa com a mão direita, viril e terna, que não chega a acalmar meu estresse. Continuo a olhar pela janela roendo a unha do polegar e pensando nesta nova provação que se abate sobre minha família.

O que podemos ter feito para que nunca nos deixem em paz...?

Encontramos Silas no estacionamento da emergência fumando nervosamente um cigarro, ao mesmo tempo em que arrepiava os cabelos com a outra mão, os traços tensos e os olhos avermelhados. Gabriel o aperta rapidamente nos braços e ganhamos a sala de espera. Apesar de minhas súplicas, na recepção ninguém pôde nos dizer nada antes de decorridas várias horas. Hesito em ligar para meus pais, mas prefiro por ora poupá-los.

– Não se morre por causa de um aborto, não é?

– Ninguém vai morrer esta noite, Amande, venha se sentar.

– Não quero me sentar, quero vê-la.

– Não é normal demorar tanto, preocupa-se Silas. Ela estava perfeitamente bem ontem à noite. Como é possível?

– Ela perdeu muito sangue? Perguntei pela décima vez.

– Não sei, Amandine! Quanto é muito? Encontrei Camille em prantos no banheiro, ela se trocou e quando chegamos aqui, sua calça estava ensopada. Ela sentia dores atrozes.

– Vocês dois, basta, diz Gabriel. De nada serve relembrar a cena. Quem quer outro café?

Um médico vem nos interromper e nos explicar a situação. Camille teve um aborto hemorrágico e teve de se

submeter a uma curetagem, assim como a uma transfusão. Por uma noite ela vai ficar no setor obstétrico do hospital, mas deve poder sair amanhã. O médico nos autoriza a ir vê-la e nos previne de que ela ainda está em estado de choque e relativamente agressiva desde que acordou.

Não esperava nada menos de minha irmã.

Ela está viva!

Todos os três nos reunimos a ela em seu quarto alguns andares acima. Silas quase se joga em cima dela para beijá-la, apertá-la, consolá-la, tanto quanto

para se reconfortar. Camille o rejeita violentamente.

– Você não precisa estar aqui. Acabou, não estou mais grávida, pode ir embora e encontrar Eleanor.

– Camille, o que é que…

– Digam a ele, os senhores! E deixem-me em paz!

Os olhos de minha irmã pousam no vago, ela cruza os braços e se fecha em si mesma, cheia de rancor e de sofrimento, impermeável a nossa presença. Silas, desamparado, se volta em nossa direção. Meu olhar oscila de um gêmeo ao outro. Eles têm o mesmo semblante pálido, a mesma expressão de

medo, mesclada de interrogações. É Gabriel quem toma primeiro a palavra.

– Silas, não queria que você soubesse assim.

– Saber o quê?!

– Vai ser duro de ouvir, tente me escutar até o fim. Por favor.

– Ora, fale!

– Segundo mamãe, quando eu desapareci exatamente depois do nascimento de Virgílio, Eleanor decidiu desaparecer. Ela não queria que a procurassem, se fez passar por morta.

– Gabriel, ela se matou, você sabe disso! Eu estava lá! Ela me fez prometer… E eu assisti ao seu funeral!

– Ela está viva, Silas! Não sei como

ela fez, quem a ajudou, para onde fugiu, nem como mamãe conseguiu guardar este segredo durante todos esses anos. Só sei que está viva.

– Isso é delírio! Ela se despediu de mim. Confiou-me Virgílio. Não, não, isso é impossível. Não acredito em você.

– Há semanas sigo sua pista. Tive várias provas tangíveis. Veja! Ela mudou de identidade várias vezes de treze anos para cá, mas é mesmo ela nessas fotos!

Gabriel tira da carteira fotocópias em cores do que parece uma carteira de motorista, documentos de identidade e outros vales-transportes. Silas pega as

folhas uma a uma, incrédulo, intermináveis lágrimas correndo de seus olhos tristes a sua boca entreaberta. Eu me aproximo para perceber este rosto ao mesmo tempo tão estranho e tão familiar. Minha sósia, mais velha, mais marcadas, com diversos penteados e cores de cabelo que vão do louro platinado ao preto corvo, passando pelo ruivo. Embora ela pareça disfarçada, não parecendo mesmo uma só e mesma pessoa nos diferentes negativos, nossa semelhança é espantosa. Consternadora. Eu ignorava tudo a respeito dessas fotos que me dilaceram o coração. A paixão com que Gabriel fala me é insuportável. A centelha no olhar lacrimoso de Silas me repugna. E o sofrimento que se lê no

rosto de Camille acaba por me fazer sair dos eixos.

– Fora! Todos os dois, saiam!

Eu me vejo sozinha com minha irmã, que enfim aceita minha presença e se deixa cair em meus braços. Tento tranquilizá-la como posso, mas minhas palavras não têm muito peso diante do duplo trauma que ela acaba de sofrer. Ignoro qual será a decisão de Silas com relação a Eleanor, mas sei que ele não abandonará Camille. Apesar de sua reação puramente egoísta, ele a ama, ele sonhava com ela e este violento aborto pareceu transtorná-lo. Os Diamonds são rapazes complicados, mas homens de

honra. Talvez eles se casem um dia, por amor. Talvez tenham outro filho juntos, um que desejem e esperem, que virá quando eles estiverem prontos e quando o decidirem. Por ora, minha irmã é incapaz de falar de futuro, e é muito normal, mas ela se diz quase aliviada por haver perdido este bebê. Não acredito em uma só palavra, sei que tenta se proteger. Agora, ela me pede para deixá-lo sozinha e lhe fazer um favor que está além de suas forças: ligar para Alex para avisá-lo e para que ele fique com Oscar por mais alguns dias. Está quase adormecida quando saio do quarto na ponta dos pés.

Cruzo com os gêmeos discutindo

vigorosamente em frente à máquina de café, ocupados demais para me ver sair para o estacionamento. Pego um táxi não longe dali e dou a ele o endereço de Marion e Tristan, os únicos na casa de quem posso surgir no meio da noite. Por mensagem de texto, eu os aviso de minha chegada iminente e ambos me recebem de braços abertos, em roupas improváveis que já me devolvem o sorriso. Marion veste uma camiseta de alças amarelo-clara e calça de pijama quadriculada grande demais para ela, virada sobre duas enormes meias em forma de vaca. Tristan nem mesmo se deu ao trabalho de enfiar uma calça por sobre sua cueca boxer de Super-Homem, mas mesmo assim enfia uma camiseta

com a efígie de Chuck Norris no momento em que apareço na sala.

– Teremos mais de dois super-heróis a vencer esta noite, zomba amavelmente Marion dando-me um sonoro beijo na bochecha.

– Smack, lhe responde seu irmão em uma péssima imitação. Vou fazer chá para todo mundo.

– Um café para mim, Chuchu, reclama Iris saindo preguiçosamente do quarto de Tristan.

Vestida com um baby-doll vermelho de renda preta, a bela loura se espreguiça bocejando, mostrando para quem quiser (e sobretudo quem não

quiser) uma tanga preta com renda combinando.

– Quem pode de fato dormir com esta roupa? Cochichei para Marion, tapando discretamente a boca com a mão.

– Olhe para mim, como eu poderia responder a esta pergunta? Retruca minha melhor amiga, ao mesmo tempo em que lança um sorriso hipócrita para Íris.

– Chuchu, Amandine acho que Amandine também toma café.

Mas como é que ela sabe disso? Ela realmente se lembra de tudo!

E quem hoje chama seu

companheiro de « Chuchu »?

Enquanto Tristan volta a se sentar perto dela no sofá com o chá e nossos dois cafés, ela o faz se levantar duas vezes para ir buscar açúcar, depois leite na cozinha, como se a possibilidade de ela mesma fazê-lo simplesmente não existisse. Ver Tristan obedecer sem dizer nada me alucina, mas sempre menos que o casal que eles formam: ela em uma roupa sexy de revista para adultos, ele de pijama improvisado de garotinho de oito anos.

Ela fez dele seu servo mas, ao menos, não tentou transformá-lo em manequim.

– Por que continua a colocar essas coisas horrorosas, quando o conjunto Calvin Klein que eu lhe dei continua em sua embalagem?

Errado.

– Porque estou guardando para as grandes ocasiões, minha bela!

– Cada noite comigo deveria ser uma, Chuchu, você realmente não entende nada.

Socorro!

Íris começa a se amuar procurando uma posição no sofá que não revela de modo algum sua intimidade, o que lhe

toma ao menos três minutos, enquanto Marion começa a me fazer falar.

– Gabriel confessou a verdade a Silas. Todos os dois estavam como loucos, olhando as fotografias que Gabriel conseguiu encontrar. Tudo isso na frente de minha irmã que acaba de perder um bebê e o sangue na emergência.

– Puf, isso é nojento, concorda Marion.

– Talvez eles tenham as suas razões, acrescenta Íris fixando-nos, esperando uma resposta, como se esta intervenção tivesse um interesse qualquer. Eles disseram o que pretendiam fazer? diz ela novamente incontinenti.

– Como assim, o que eles pretendem fazer?

Como ela sabe me irritar com as suas perguntas vaga, não se sabe jamais aonde ela quer chegar!

– Desde há algum tempo, Gabriel deve começar a se aproximar de seu objetivo. Sabe em que ponto ele está? questiona novamente.

– Não sei de nada. Nem mesmo conheço os seus métodos, nem o progresso de suas buscas, ele me fala sobre isso o mínimo possível... E acho que prefiro não saber.

– Mesmo assim, deve ser difícil viver, ver seu homem obcecado por

outra. Não sei como você faz.

ÍIris, a rainha do apoio!

– Não é como se eu tivesse escolha, lhe respondo secamente. Sim, por vezes isso me fere, como esta noite, mas não me vejo impedindo-o, ele precisa disso para estar em paz consigo mesmo. E além disso, ele não está obcecado por Eleanor mas pela ideia de encontrá-la.

– Hum, isso não muda nada! Quando ele enfim encontrá-la, o resultado será o mesmo.

– Ou seja? Você pode predizer o futuro?!

Continue, Íris, estou vendo a hora

de não poder voltar atrás.

– Não, não, de jeito nenhum, ela se corrige. Mas posso imaginar o que é estar cara a cara com a mulher que se amou, com quem se devia ter casado e que se acreditava morta há tantos anos.

– Quanto a mim, não imagino, confio em Gabriel. E ele foi muito claro: não a ama mais, não a quer mais em sua vida, não está nem perto de perdoá-la pelo que ela fez. É por seu filho que ele quer a verdade.

Mas por que será que estou me justificando?!

– Oh, você sabe, promessas vãs, é tão

fácil. Mas quando ele ficar de frente com Eleanor, creio que eles vão ter muitas coisas para dizer um ao outro e tempo perdido a recuperar!

Diante da curiosidade mórbida de Íris e de suas observações que ferem meu amor-próprio, procuro com o olhar o apoio de meus amigos. Tristan permanece em silêncio, mas um ligeiro mal-estar começa a se ler em seu rosto e Marion, que vem em meu socorro, parece perder a paciência.

– Mas realmente, Íris, de que lado você está?

– Do de Amandine, é claro! É por isso que estou tentando alertá-la. Enfim,

eu não poderia, isso é tudo, preciso de um homem que seja só meu, que não tenha olhos senão para mim, que não me deixe.

Obrigada, todo mundo tinha notado.

Com estas palavras gentil, a peste loura se distrai pendurando-se no pescoço de Tristan, cobre sua bochecha e sua boca de beijos que ele só recusa pela metade, ao mesmo tempo em que nos observa com um ar constrangido. Depois se deixa enfim beijar, o efeito baby-doll devendo servir para alguma coisa.

Esta moça deve ser a descoberta do

século para que ele consiga suportá-la!

Não vejo nenhuma outra explicação...

E se o apego de Gabriel a Eleanor também fosse físico? E se a alquimia de seus corpos ultrapassasse em muito a nossa e fosse ao apelo da carne que ele não pudesse resistir? E se quisesse simplesmente verificar que a mesma tensão, a mesma eletricidade e a mesma ligação carnal que os uniram continuam a existir? Será possível que meu amante, infernal et ardente, já tenha compartilhado ou ainda compartilhe com outra mulher a osmose e a paixão que conhecemos a cada vez que nos

encontramos?

5. Jogo Duplo

Passo o fim de semana sozinha em casa como tão bem sei fazê-lo: arrastando-me da cama para o sofá em uma camiseta informe e para bater. Duas atividades intensas que me permitem ignorar os telefonemas, e-mails e mensagens de texto de Gabriel, de início doces e derramando-se em desculpas por sua atitude, depois cada vez mais irritado com meu silêncio, para acabar razoavelmente irado. Quanto mais meu amante descontente se irrita em minha caixa de mensagens, me censurando a

partida precipitada do hospital, menos tenho vontade de falar com ele. Voltam à minha cabeça a terrível noite do aborto de Camille, a conversa surrealista dos gêmeos Diamonds na frente de minha irmã mortificada e eu, transparente, inexistente, enquanto eles arregalavam os olhos para as fotos de Eleanor. E além disso, não consigo me impedir de voltar a pensar nas reflexões de Íris, não tanto na forma (horripilante, como sempre), mas na essência. Suas questões indiscretas levantaram outras que eu me guardei de partilhar com ela.

Serei louca por aceitar do homem a quem amo que ele parta em busca de outra mulher? Serei inconsciente por

confiar inteiramente nele sem nada saber a respeito de sua procura ou de desfecho? Será que o amor que tenho por Gabriel é a tal ponto imenso que eu venha a esquecer disso? Que lugar ocuparei em sua vida quando ele tiver encontrado aquela a quem tanto amou? Que peso terei diante de sua ex-noiva, a mãe de seu filho e a melhor amiga de seu irmão? Que valor terão nossos nove meses de paixão insana contra os treze anos passados sem seu primeiro amor, aquele que marca um homem para sempre?

Passa das 2h00 da manhã quando, enfim, decido me deitar neste domingo à noite, depois de haver esvaziado um

pacote de cereais à mão e de ter jogado meu camiseta verde que por pouco não acerta o cesto de roupa suja, lotado até a boca. Hesito em me enfiar nua debaixo dos lençóis ou enfiar a grande camiseta regata branca que pertence a Gabriel, que de ordinário serve como camisola « perfume Diamonds », quando não consigo mais suportar sua ausência. Esta noite, este amante substituto me deprime, me revolta. Não quero mais me contentar com seu cheiro, com os brinquedinhos que ele deixa para mim como para uma menininha triste, nem com suas explicações vagas e com suas breves visitas em que o sexo varre tudo quando passa. Esta noite, eu queria ser Íris, que não deixa passar noite, que

exige e que obtém, ponto final. Queria ser Camille, que manda tudo às favas sem se preocupar com as consequências. Queria ser Marion, que não tem medo de nada e, principalmente, não tem medo dela mesma, que se mantém firme mesmo que isso lhe custe jamais encontrar um sapato velho para seu pé cansado. Esta noite, eu queria…

Queria poder ir dormir sem que chegassem a minha casa em plena noite! Se for minha irmã mais velha, minha melhor amiga ou seu irmão, vou ser obrigada a recebê-los com um sorriso, da mesma forma como já fizeram comigo. A amizade não espera. Se for um ladrão, que ele entre e leve tudo, não

vejo nada à minha volta por que tenha realmente muito apego. Nada a fazer, é um dia em que tudo saiu errado. Esqueço a metáfora e enfio a camiseta regata de meu amante, comprida o bastante para me cobrir e para que eu me apresente decentemente na sala.

Retiro o que disse, jamais poderia ser Íris e passear com a bunda de fora na frente dos meus amigos.

Gabriel surge de meu corredor, com o rosto pálido e a camisa amassada. Creio jamais haver visto tanto desespero em seu olhar. Como um animal ferido, ele continua a ter o porte majestoso do leão, seu ar grave e a crina dourada, mas

perdeu a soberba e o orgulho, sua marcha é lenta e pesada, sua voz rouca não é mais que um gemido queixoso.

– Amande…
– Gabriel, o que é que há?

Não sei de fato se ele chora, seus olhos estão úmidos, mas seu sofrimento parece todo interno. Meu amante se deixa cair no sofá, eu venho me sentar ao seu lado e o vejo deitar-se suavemente, vindo pousar sua cabeça ardente em minhas coxas. Passo os dedos em seus cabelos louros e sedosos, minha outra mão acaricia longamente o tecido leve em suas costas, tento acalmá-lo antes de tentar uma pergunta.

– Quer me contar?

– ...

– Você está me assustando, nunca o vi assim.

– ...

– Explique-me.

– ...

Gabriel permanece mudo, seus olhos no vazio jamais me pareceram de um azul tão claro. De perfil, ele me oferece seu semblante fechado, imperturbável e seu peito bronzeado, que se levanta com uma respiração lenta e profunda. Tento uma nova abordagem para quebrar seu silêncio.

– Não quer falar comigo?

– …
– Posso tentar adivinhar?
– …
– Silas ainda o odeia?
– …
– É Prudence? Virgílio?
– …
– Você encontrou Eleanor?!

Também meu coração se põe a bater mais forte. Tento controlar minha respiração e não pensar no pior. Como formular a pergunta a seguir, que me queima os lábios?

– Sou… eu?
– …
– Está perdendo a cabeça?

– ...

– Gabriel, posso ouvir tudo.

– ...

– Por favor, fale comigo.

– ...

– Você parece tão mal... Diga-me o que posso fazer.

Eu me dobro em duas para pousar um terno beijo em sua bochecha. Gabriel vira imperceptivelmente a cabeça e vem me aflorar os lábios. Estou tão espantada com esse gesto, emanando do corpanzil até então inerte em meus joelhos, quanto pelo estremecimento que logo percorre minhas costas. Eu o deixo beijar-me longamente, tempo bastante para apreciar, mas também para me

irritar com esta maneira de se comunicar. Eu exigia dele palavras, frases: ele não tem a me oferecer a não ser sua boca silenciosa e sensual. Enquanto eu me preparo para lhe participar minha análise e, sobretudo, meu desacordo, a mão segura de meu amante desliza atrás de minha cabeça, segurando meus lábios de encontro aos dele, envolvendo-os, aprisionando-os, em seguida neles introduzindo lentamente sua língua quente. Gabriel não precisa de minha resistência, ele aprisiona meu rosto e meus ombros entre seus braços, me beija com ainda mais ardor e insistência, confrontando-me com seu desejo obstinado, impaciente, irrefreável.

É claro que meu corpo gostaria de responder a estes avanços ardentes, a esta virilidade transbordante: uma flecha inflamada já atravessa meu corpo, do umbigo ao clitóris. Mas meu espírito não pode se impedir de se sentir lesado, utilizado. Contudo, Deus sabe que eu amo deixar meu amante dominador me manipular como uma boneca para reinventar maneiras loucas de nos amarmos. Mas aqui, esta noite, quando ele se recusa a falar comigo e mal ousa me olhar, quando me barra o acesso a seus pensamentos mais atormentados, torturando-me, por minha vez, sem nem mesmo se preocupar, por que eu lhe pouparia minhas próprias angústias? Por

que lhe ofereceria meu corpo quando ele me recusa seu coração?

Por que desejo isso?
Ele não o merece...
Mas ele faz tantas coisas por mim...
Você sabe exatamente o que ele veio procurar.
Jamais conseguirei resistir a ele.
É agora ou nunca!

Levanto a cabeça alguns centímetros, o bastante para retomar o fôlego e murmurar apenas duas palavras. Minha voz cochichada vem morrer na boca de meu amante.

– Gabriel, espere…

– Não me rejeite, Amande. Preciso tanto de você...

– De mim… ou disso?

– De tudo! Estou ficando louco!

A estas últimas palavras, sua voz se quebrou e na passagem partiu meu coração. Não sei como ajudá-lo, acalmá-lo, e esta impotência vem acabar com as minhas últimas resistências. Sei muito bem como lhe fazer bem. Como dar a ele aquilo de que ele precisa. Eu me livro bruscamente do peso morto deitado em minhas coxas e venho me sentar sobre meu amante aflito, ainda imóvel no sofá. Em alguns gestos secos, eu lhe arranco a camisa amassada e desabotoo sua calça para liberar sua

ereção magistral. Escarranchada sobre Gabriel, levanto em minhas ancas a camiseta regata que me serve de vestido e pego seu sexo endurecido para guiá-lo até minha intimidade. A urgência da situação não permite nenhuma preliminar. Eu o quero dentro de mim, tanto para satisfazer meu desejo extremo quanto para ajudar Gabriel em seu imenso desespero. Ele se deixa levar, plantando seus olhos tristes nos meus, enquanto eu me planto em seu dardo e vejo seu olhar se iluminar. Ondulo a bacia para repetir esses movimentos de vai-e-vem salvadores e pego suas mãos, que venho pousar em meus seios. Os sentidos de meu amante despertam, ele enfim me acaricia, fazendo rolar meus

mamilos entre seus dedos, enquanto eu o cavalgo, mais forte e mais longe. Nossas pupilas vidradas não se deixam e eu finalmente ouço o som de sua voz quando não pode conter o grunhido rouco que tão bem conheço. Minhas profundezas o engolem, mais em mais, eu, por minha vez, gozo com este prazer explosivo, me arqueio e afasto as coxas para melhor receber estas intensas investidas. Gabriel se anima e se tensiona, agarrando as minhas nádegas para aumentar a cadência, em seguida a torna mais lenta, proferindo com um suspiro:

– Deixe-me fazê-la gozar.

Seu polegar vem acariciar meu clitóris, enquanto ele continua imobilizado no fundo de mim. Essas sensações conjugadas me deixam louca e ele o sabe bem demais, esperando meu orgasmo para retomar suas investidas ritmadas. Gozamos juntos em um grito dilacerante, nossos corpos imbricados e nossa osmose enfim reencontrada.

Quando nossos corações voltam a ter uma pulsação regular, Gabriel me envolve em seus braços para me aninhar contra seu peito e toma a palavra, os olhos fixos no teto:

– Fico louco por não encontrar Eleanor e perder todo meu tempo a

procurá-la. Todo esse tempo que não passo junto a você. Fico louco por não poder devolver a mãe ao meu filho. Ele cresceu sozinho, enquanto ela estava presente, pertinho, e não o quis. Também eu abandonei Virgílio, quero fazer isso por ele. Só assim me perdoarei. E me livrarei desse fantasma. Ela assombrou os treze últimos anos de minha vida, não quero lhe dar mais nem um minuto. Quero que Silas a esqueça e se permita ser feliz com Camille. Quero que meu filho reencontre o sorriso e a vontade de viver, que se torne um homem que enfrente sua mãe como posso fazer com Prudence. Quero que você se torne minha mulher, a única, e que não viva com um viúvo obcecado

pelo passado. Amo você, Amandine Baumann, e fico louco por ser demasiado infeliz para poder fazê-la feliz.

– … Eu amo você.

Minhas três horas de sono nada podem contra a energia, a leveza, a felicidade que são minhas, ao ir trabalhar nesta segunda-feira pela manhã. Ver Gabriel adormecido, nu em minha cama, fez esta noite ainda mais bela e mais intensa do que ela foi. Beijá-lo antes do café, depois do café, antes de minha ducha e depois, entre cada roupa que enfiei e ainda dez outras vezes antes de me decidir a ir embora, vai fazer este dia maravilhoso.

Única sombra no quadro: Ninguém consegue encontrar Marion. Não tive notícias dela no fim de semana e esse silêncio não é típico dela. Só espero que ela tenha estado bem acompanhada e ocupada demais para pensar em responder a sua velha amiga Amandine. Não tenho tempo de me preocupar mais, todo o setor de comunicação da Agência está convidado para uma reunião às nove horas em ponto no escritório do patrão. É o tipo de encontro para o qual se chega na hora, preparado, alegre e com os dossiês em dia. Sou a última a entrar e me insinuo entre as poltronas já ocupadas. Faço-me pequenininha e de maneira a não cruzar com o olhar de

Ferdinand. No momento em que ele veste a roupa de Presidente e Diretor Geral, pousa os cotovelos em seu birô e motiva seu pessoal anunciando os objetivos da semana, não esquece de fazer um chiste, sempre em detrimento de um de seus assalariados, na minha pessoa.

– A senhorita pretende tomar notas ou nos fará esse relatório de cabeça?

Enfim ergo os olhos quando me dou conta de que meu chefe se dirige a mim e eu lhe dou o meu sorriso mais afável… e o mais irônico. Mas meu rosto fica pálido quando percebo, colocado em um canto de sua imensa

mesa de vidro, um iPhone com capa protetora branco-e-preta que eu reconheceria entre mil: o panda, logo da WWF e animal preferido de Marion desde que entrou na fase Greenpeace, vamos proteger a natureza e salvar os animais.

Mas o que é isso está fazendo aqui?

Não pode ser… não… não pode ser!

Em minha cabeça, como que para me convencer do contrário, passo em revista rapidamente meus colegas presentes e ausentes para descobrir outra eventual Brigitte Bardot a quem este maldito celular poderia pertencer.

O olhar divertido e mesquinho que Ferdinand me lança furtivamente confirma o inconcebível. Quando ele me vê fixar o objeto com toda desconfiança, se põe a desenhar com o dedo os contornos da capa protetora, ao mesmo tempo em que continuava a proferir seu discurso bem ensaiado para seus empregados atentos. Uma piscada mais tarde, ele põe fim à reunião, faz suas equipes saírem com a ajuda de: «Conto com os senhores! », « Ao trabalho! », « Não me decepcionem! » e me retém no último momento como eu temia.

– Amandine, a senhorita vai tentar dar provas de um pouco mais de concentração da próxima vez. A

senhorita realmente não está prestando atenção no que está fazendo, se quer saber minha opinião.

– Não quero, obrigada.

– Muito bem. Então a senhorita vai entregar isso a vossa melhor amiga, diz calmamente Ferdinand entregando-me o iPhone preto e branco. Terminei com ela. Mas não com a senhorita.

– Vá…

– Sim?, ele me interrompe. A senhorita está certa de querer terminar esta frase?

– Um café. Vá preparar um café para o senhor.

– Obrigado pelo conselho.

Ao sair do escritório do chefe, meu

primeiro reflexo é mandar uma mensagem de texto sediciosa a Marion. Mas ele chega alguns segundos mais tarde no iPhone-panda que seguro nas mãos.

Quelle idiote!

Apresso-me a apagá-la e hesito inicialmente vasculhar nesse maldito telefone, mas recuo diante da ideia de ler aí as palavras dissolutas de Ferdinand.

Brrr…

A interminável manhã me serve pois a ruminar e a buscar uma forma de

encontrar minha melhor amiga. Ela não responde a meus e-mails e Tristan me informa que da última vez que a viu foi em casa, cantarolando e rodopiando na sala. Confio a Marcus este novo episódio da Agência de Modelos Prestígio versão Fogo do Amor e meu colega, alegre, tenta me fazer relativizar a situação… em vão.

– É só você que gosta de fazer besteira, querida!

– Não tem nada a ver!

– Marion tem o direito de ceder à tentação, por vezes.

– Ela só faz isso, ceder. Ela é incapaz de dizer não.

– Nem eu, eu não poderia dizer não a

Ferdinand.

– Hein?!

– Por que os mais inteligentes, os mais engraçados, os mais belos são sempre heterossexuais? Lamenta-se Marcus, com cara de cachorro que foi espancado.

– Porque os senhores, você, Marion e todos os outros, só desejam o que não podem ter!

– E a senhorita, não, talvez, Sra. Diamonds?

– Isso não tem nada a ver. E Beauregard deve tê-la baratinado apenas para metê-la em sua cama!

– Mas Amandine, e se ela estivesse com vontade?!

– Não é você que vai ficar mal e que

vai ter que aguentar o olhar de zombaria de Ferdinand.

– Muito bem, não lhe digo mais nada!

Ao meio-dia em ponto, saio do escritório para ir à morada dos Aubrac no décimo primeiro distrito de Paris. Durante meu trajeto de metrô desde os Champs-Élysées, repasso em minha cabeça todas as frases mortais que vou poder dizer a Marion. E depois, sou tomada de compaixão ao me dar conta de que Beauregard já a jogou para fora de sua vida e de que ela sem dúvida ainda não sabe disso. Sua volubilidade e ela provavelmente estão fazendo projetos quiméricos: casamento, viagem de núpcias a Honolulu, grande vida em

Paris, fortune à gastar e quatro ou cinco filhos.

Nem mesmo me dou ao trabalho de tocar a campainha e uso a cópia das chaves (que supostamente não deve ser usada a não ser em uma emergência).

Acredite em mim, esta é uma!

Restam-me apenas trinta e cinco minutos de horário de almoço e tenho de contar com os vinte e cinco minutos do trajeto de volta até a agência: aposto tudo na eficácia. Um sermão, um carinho, um perdão, eu lhe devolvo seu infeliz panda e volto para trabalhar! Pego o corredor e chego à sala vazia,

quase desapontada por não ver minha melhor amiga caída no sofá sonhando com seu futuro com um *dândi* milionário. Percebo uma voz feminina que não é a de Marion e que parece vir da cozinha. Íris, forçosamente.

Como podia esquecer, essa daí?

Mas ela não faz nada o dia todo?

Atrás da porta fechada, a voz se cala de vez em quando. Quando retoma a palavra, é com uma espécie de cochicho gritado, que forçosamente me intriga e me faz ouvir com atenção.

Enfim vou descobrir que ela engana

Tristan, não tem nada o que fazer com ele e ter provas?

É mal, escutar atrás das portas...

Mas não quando se trata de ajudar um amigo.

Cesso minha discussão inútil comigo mesma quando Íris retoma a sua ao telefone. Ela consegue cada vez menos abafar suas palavras, meio-murmúrios, meio-gritos, que me chegam muito claras:

– Faço o que posso, Eleanor! Amandine é dura na queda, ela não largará Gabriel tão fácil…

Continua!
Não percam o episódio a seguir!

200 posições do Kama-Sutra